

The logo for LeYa, consisting of the word "LeYa" in a white, sans-serif font inside a light green square.

LeYa

The background of the book cover is a monochromatic, blue-tinted photograph of three young boys on a wooden pier. One boy stands with his back to the camera, another boy stands next to him with his arms around the first boy's shoulders, and a third boy sits on a wooden bench in the foreground, looking towards the water. A white dog is sitting on the pier in the lower-left corner, looking towards the right. The water is dark and reflects the sky.

caminhando na chuva

CHARLES KIEFER

EDIÇÃO COMEMORATIVA
DE 30 ANOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2012, Charles Kiefer

Diretor Editorial: **Pascoal Soto**

Editora: **Tainã Bispo**

Produção Editorial: **Fernanda Ohosaku**

Revisão de textos **Estevam Vieira Lédo Jr e Márcia Menin**

Capa **Mariana Newlands**

Imagem de capa © **Bettmann/CORBIS/Corbis (DC)/Latinstock**

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP-Brasil)

Kiefer, Charles

Caminhando na chuva / Charles Kiefer. São Paulo : Leya, 2012.

ISBN 9788580445428

1. Ficção brasileira I. Títul.

11-13823 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2012

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo — SP — Brasil

www.leya.com.br

Para Octávio de Faria, amigo ausente, *in memoriam*,
e Darques Lunelli, que também já partiu

*O homem será antes de mais nada
o que tiver projetado ser*

Jean-Paul Sartre

Comentário preliminar

Essa mania de escrever tenho há muito tempo, penso que a herdei de meu avô, que não escrevia mas sabia contar histórias como ninguém. Acho que foi ele que meteu isso no meu sangue. Aquelas aventuras todas que ele contava ficaram incrustadas em mim, e agora, depois de vários anos, elas vêm à tona, emergem do passado e, às vezes, nem me deixam dormir! Mas não é um livro de aventuras que vou escrever, nem são histórias fantásticas. Tenho a imaginação pobre e não gosto de romances de aventuras, exceto o *D. Quixote de la Mancha*. É a minha própria vida que pretendo contar. Recuperar a infância que se foi e a adolescência que nem vi passar. Prometo não ser tão chato quanto Proust, que também não tenho saco pra livro muito volumoso. Serei breve, tirarei o sumo das minhas memórias, o bagaço joga fora, por ser bagaço, e para que sirva, talvez, de adubo.

Há várias formas de contar. Confesso que iniciei em terceira pessoa, tentando me esconder atrás de um narrador onisciente. Daí pensei: pô, todo mundo vai saber que é autobiográfico, todo mundo me conhece... Parti, então, pra primeira pessoa, e acredito que acertei. A história fica mais envolvente, acho que é isso. E mais fácil, principalmente pra mim. Gosto muito do Graciliano Ramos, daquelas frases secas, precisas, sem florilégios. E na primeira pessoa. Claro, não poderei escrever como ele porque tenho o meu estilo e não nasci em Quebrângulo. Falar nisso: já está na hora de dizer meu nome, filiação, local de nascimento e essas coisas todas que o autor põe no livro mais pra ficha de leitura do que por outro motivo qualquer. Bem, me chamo Túlio Schüster, nasci no município de Pau-d'Arco, meu pai se chama Carlos e minha mãe Virgínia. Não tenho irmãos, acho que é por isso que sou meio mimado e me ofendo fácil. Sei que é um defeito desgraçado, mas já fiz de tudo, menos análise porque não

acredito nisso, e nem posso, é coisa de ricaço, só pra justificar o *dolce far niente*, como diria um tio meu, casado com minha tia Fredolina, um italiano danado de bebedor de vinho, um vermelho sem-vergonha, contador de piada suja e mentira da grossa. Mas, como ia dizendo: me ofendo fácil. Muita vez já briguei por um *niques* qualquer. Coisinha à toa, um osso pra irmã (eu que nem tenho irmã não devia me ofender) ou pra mãe. Essas coisas que os gaiatos dizem por deboche, pra atazanar a vida da gente. Ah, mas de uma coisa me orgulho: nunca não levei desaforo pra casa. Mas já levei nariz sangrando, costelas machucadas, hematomas no rosto...

Estava esquecendo um detalhe importante: a descrição física. Sou alto, um metro e oitenta. Tenho o olho azul, o nariz batatudo (acho que meu avô andou de transa com uma índia caingangue. Meu pai também tem o nariz batatudo e cara de índio. Como é que pode alemão ter cara de índio?), o cabelo é castanho-claro. O que mais? Os meus lábios? Ah, são carnudos. E o queixo? É forte. Puxa vida! Mas o que é que significa "queixo forte"? Isso aí é influência de algum romance que li. Não sei se interessa, mas eis uma coisa que fiz bastante: ler romances. Bom, mas agora já estou entrando na descrição psicológica, não estou? Os livros que alguém leu ajudaram a compor a sua personalidade, não ajudaram? Acho que o homem é um amontoado de leituras, de músicas, de pinturas e de genes. Penso que o meio influencia a formação da personalidade, não influencia? Droga! Mas isso é um comentário que devia fazer mais adiante, recém estou começando o livro...

Coordenadas geográficas

Não sei se devo dar as coordenadas geográficas de minha cidade, acho que nem vale a pena. A geografia é prescindível, e, ademais, todas as cidades se parecem. Sei que há livros em que o grande personagem, o personagem central, não é o homem, mas a cidade. Não será o caso deste. Pau-d'Arco, com seus quinze mil habitantes, é o pano de fundo, a tela em que o filme há de se desenvolver.

Falar em filme, outra paixão minha: cinema. Eu, se pudesse, ia ser cineasta. Televisão não me atrai, acho que é por causa do azulado do vídeo, ou por causa das propagandas no meio dos filmes, ou da dublagem, não sei bem. Nossa! Mas como o assunto me foge. Planejo dizer uma coisa, faço um esboço mental do que vou escrever, mas na hora H fico divagando. Não consigo pensar em linha reta. Com certeza não sou um racionalista, se é que os racionalistas pensam em linha reta...

Mas estava mesmo era falando da minha cidade. Quero dizer, pretendia falar dela...

A origem do nome? Puxa! Mas aí fiquei encalacrado... Pau-d'Arco é o nome de uma árvore, pelo que sei. Vai ver que é porque a região tinha muitas árvores. Tinha, isso mesmo. Que agora não tem. Em compensação, tem bastante soja, e latifúndios.

Fiquei pensando no que escreveria neste parágrafo. Acabei relendo o que já escrevi e cheguei à conclusão de que andei dizendo bobagem. Puxa vida! É melhor a gente reconhecer que falou bobagem do que brigar por uma bobagem dita, não é mesmo? Tem uma frase do Luis Fernando Verissimo de que gosto muito: "Entre ter razão e ficar com os amigos, prefiro não ter razão...". Acho que é mais ou menos assim. A bobagem? Será que já esqueci a bobagem que disse alguns parágrafos

atrás? “Todas as cidades se parecem” — aí está ela. Pensando bem: nenhuma cidade se parece. Cada uma tem suas particularidades. Senão, vejamos Pau-d’Arco, por exemplo: em nenhum lugar do mundo há um prefeito tão ridículo quanto aqui, exceto em Sucupira¹. Mas Sucupira é fruto de ficção, é uma cidade irreal. Acho também que não existe nenhuma cidade no mundo onde as pessoas sejam tão chatas como aqui, e tão burras. Na época da revolução, que foi uma época muito braba segundo afirmam alguns, um vereador propôs a construção de um muro, igual àquele da China, ao longo das fronteiras do Brasil, para “conter a infiltração comunista”, como ele mesmo afirmou. Falar nisso, aqui na cidade apareceu, há uns anos, uma caminhoneta pintada de verde e uns malucos de alto-falante acordando todo mundo, madrugada ainda, com propaganda anticomunista. Nunca não vi coisa mais boba, uma pura perda de tempo. A gente aqui na cidade nem sabia o que era comunismo. Pra dizer a verdade: sabia, comunismo era pecado, e, se era pecado, ninguém não queria saber nada de comunismo, mas aí, com aquele vozerio todo, teve gente até que andou interessada, ou se interessou mais. Essa coisa de política, essas proibições, acho que é igual a doce escondido: quanto mais escondido, mais desejado. Bem, mas isso tudo não tem nada a ver com a localização de Pau-d’Arco. Resumindo: a cidade fica no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, é uma região de grande prosperidade, uns dizem que é por causa do solo, da terra, que é muito rica; outros, que é por causa dos europeus que vieram colonizar, porque — dizem — eles trouxeram a vontade de trabalhar. Se fosse tomar o meu caso como exemplo ou medida, ia ter de dizer que isso é uma grande mentira, porque sou descendente de colonizadores e sou um baita preguiçoso, queria mais era sombra e água fresca a vida inteira.

Quantos habitantes a cidade tem já disse. O que é que está faltando? A maioria é mesmo descendente de europeus, tem pouco negro na cidade porque o racismo é grande. Não

acontecem crimes com muita frequência, exceto quando algum marido surpreende a esposa em atividades extraconjugais. Marido matar esposa é coisa comum, agora, esposa matar marido traidor nunca não vi, quero dizer, ouvi, porque também não vi marido matar esposa, mas ouvi comentários. As mulheres aqui na cidade são tratadas como vacas, desculpe o termo. São mais maltratadas até que as próprias vacas, que são animais e não sentem nada. Olha, não sei se os animais não sentem, porque tem tanto bicho de olho triste que só vendo, mas é verdade: o número de mulheres de olho triste é bem maior. Deve ser uma coisa muito difícil ser mulher. Acho que a cidade é como uma mulher: para conhecê-la é preciso percorrer com paciência as suas ruas, os seus becos, os seus caminhos. Sempre fiz isso com Pau-d'Arco. Quando chove — gosto de dia de chuva —, saio a caminhar. Por que prefiro caminhar quando chove? Os outros, os habitantes bisbilhoteiros e chatos, estão em suas casas, por isso saio na chuva. Não faz mal que me molhe, pegue gripe, resfriado, essas coisas. Vale a pena, vale mesmo. A cidade solitária, sem o ruído desses habitantes barulhentos, se abre, se dá. A cidade é como mulher: precisa de carinho, afago, paciência. Mulher nenhuma gosta de barulho, prefere a palavra sussurrada no ouvido. Deus meu! Estou falando como se fosse um grande conhecedor de mulher!

[1](#) Referência à cidade imaginária da novela de TV *O Bem Amado*.

A infância

Minha infância foi uma coisa simplesmente fantástica. Sei que esse adjetivo soa meio bombástico, mas o que é que vou fazer se realmente a minha infância foi do arco-da-velha? Antes, porém, de entrar na história dos meus primeiros anos, vou fazer uma retrospectiva do meu passado familiar porque acredito que não sou um cara que apareceu sozinho, isolado, devo o que sou aos que vieram antes de mim.

Infelizmente não há na família um livro de registros, ou coisa parecida. Só uma velha Bíblia contendo parte da árvore genealógica. Tudo o que sei da nossa história vem da memória dos antepassados. Pelo que me consta, sou o único a tentar a crônica dos Schüster...

Pensando bem: não vou fazer crônica histórica droga nenhuma. Não tenho saco pra datas e nem vontade de imaginar peripécias de antepassados que a estas alturas do campeonato não são nem pó! Vou falar um pouco do meu avô, que foi um sujeito que conheci e que me marcou profundamente, conforme já disse no início. Ele nasceu em Cachoeira do Sul. O pai dele veio da Alemanha, é o que basta. Sobre a infância dele (do meu avô) não sei nada, exceto que teve oito irmãos e que foi o mais velho, e, pelo que parece, o mais quieto. Num baile de damas a minha avó tirou-o para dançar. Ele era meio tímido, e ela não era minha avó ainda, é claro; ele não quis ir mas não teve outra alternativa. Diz que pensou em pular a janela, mas viu que era muito alto, e desde aquele baile até pouco tempo atrás ela não largou do pé dele.

Depois do casamento, eles vieram morar aqui em Pau-d'Arco, isso foi em 36, quando a cidade era uma vila, nem vila, era uma rua e uma igreja. Bem, mas não ficaram na vila. Compraram uma colônia de terra, que naquele tempo a terra não valia nada. Ela já estava rombuda, um "cargueiro

adernando”, como diz o Carlos Drummond de Andrade, do meu pai. Ei, a frase ficou ambígua, não ficou? Ela estava grávida do meu pai, que não tem nada a ver com o Drummond, que é um grande poeta mineiro que não é nem meu parente nem nada e entrou na história por causa de um poema dele que admiro demais. Jesus! Como é difícil lidar com as palavras! Mas estava dizendo que a minha avó carregava o meu pai na barriga e que eles vieram pra cá em 1936. Segundo o meu avô, a viagem durou dezesseis dias, vieram de carroça desde Cachoeira. Vai ver que ele exagerou um pouco, ou pode ser verdade porque naquele tempo as estradas não eram asfaltadas e era tudo mato, nem estradas não eram, eram picadas. Daí ele chegou, comprou o seu pedaço de terra, plantou, aliás, desmatou primeiro, capinou e depois plantou. Aliás, troquei de novo: desmatou, plantou, capinou e colheu. A ordem é essa... Enquanto isso a avó, na cozinha, fazia comida e se engordurava na banha de porco e sujava as mãos nos cagados do meu pai, das minhas tias e dos meus tios. Mulher parece que nasceu para lavar, cozinhar e parir. Será? Mulher não tem outra serventia? A verdade é que, além de criar os filhos, cuidar da casa, a mulher ainda ajuda na agricultura, também planta, colhe, tira leite das vacas nas mais frias manhãs de inverno, quando o danado do vento minuano corta as coxilhas e as serras. Mulher é uma coisa impressionante. Digo isso porque quando estou com uma espinha inflamada fico me lamuriando, e nunca não vi uma mulher que reclamasse por coisa pouca e pequena, tem até mulher que durante o parto não dá um gemido, aguenta no osso do peito. Mulher é que nem ovelha: vai pro matadouro sem balir. Um dia a minha avó estava cortando mandioca pros porcos com o facão *três-listras* e cortou os dedos da mão esquerda. Não chegou a podar, mas foi um corte profundo e tudo, de doer até no osso da gente que estava olhando. Pensa que vi uma lágrima nos olhos dela? Ou ouvi um gemido dos seus lábios? Pegou um pano qualquer, enrolou no ferimento, meteu cachaça em cima e continuou cortando mandioca como se nada tivesse acontecido. Fosse

comigo me escabelava, desmaiava, sei lá. Minha avó é uma mulher forte, não chega a ser uma Ana Terra, é verdade, mas bem que ela merecia um romance que contasse as suas angústias, os seus problemas, a sua luta. Se me permitem, vou dizer que minha avó é uma mulher telúrica.

Vejam só como sou: queria falar do meu avô e acabei falando da avó. É que atrás de um homem há sempre uma mulher, por menor que ela seja; e ela, a minha avó, era bem mirradinha, quero dizer, ainda é. Isolados do mundo, levaram a vida lá deles sem sobressaltos; ele acordando de madrugada, fazendo fogo e esquentando a água pro chimarrão; ela tirando leite das vacas, alimentando os porcos e as galinhas; ele sentado embaixo do cinamomo, cismante, sonhando sei lá com que outras mulheres que não viu e nem teve; ela incansável, irrequieta, em constante atividade para não pensar jamais nos amores que também não teve e nem sequer desejou, ou se desejou foi em horas mortas, no silêncio do quarto escuro enquanto ele, saciado, roncava ao seu lado; ambos deixaram-se viver, em completa apatia, deixaram que a vida passasse por eles, irreversivelmente, acho que por isso que os olhos dele ficaram baços, sem brilho, de um azul desbotado, e os dela, ausentes, como quem mira o horizonte na esperança de distinguir o retorno de um ser amado.

Minha infância. Era sobre ela que devia falar, ao menos foi o que prometi, usei até um adjetivo bombástico, não usei? Acontece que precisava falar um pouco do meu avô e avó, para localizar o leitor, e também porque tenho saudade daqueles dois malandros, principalmente dele, que já não posso mais encontrar. Bom, mas se começar a falar disso vou ficar triste e não quero ficar triste e nem deixar ninguém triste. A tristeza é uma coisa que bate na gente assim de repente. Ó, pronto, já estou triste até os ossos, muito triste, vou parar por aqui, continuo a escrever amanhã, quando estiver melhor. Prometo contar alguma coisa concreta sobre a minha infância, acho até que vou falar de uma pescaria ou de várias, não sei bem, mas

isso será amanhã, agora vou parar, vou pôr a minha gabardine e sair por aí porque está chovendo e gosto demais de quando está chovendo porque posso caminhar em paz e ficar triste o quanto quiser que não vai ter nenhum chato me olhando e ficando impressionado por eu estar chorando na rua, porque as minhas lágrimas vão se confundir com a água da chuva, que é também um choro, acho que de Deus, sei lá!

Muçum papo-amarelo

Onde largava o anzol, ali na flor da água, formavam-se círculos, que se espalhavam pela superfície do lago. As pequenas maretas vinham bater na taipa do açude, aos meus pés. Retirava o anzol da água porque estava tudo muito quieto, nem um beliscão, uma corridinha nem nada, e via que os lambaris de merda tinham roubado a isca. Daí, recolocava a minhoca e ficava horas esperando fisgar uma traíra. Sabia o jeito que elas tinham de morder: primeiro ficavam rondando e depois abocanhavam tudo, disparando pro fundo da lagoa. Então, puxava com força fazendo o peixe brilhar fora d'água. Aquilo era tão lindo: o sol batia nas escamas assim num segundo de um segundo, era um relâmpago de ligeiro. O coração batia mais forte, tremia até de emoção, assim como tremia quando abraçava a Rosana (pescar é quase como fazer amor, a sensação é parecida). Ficava ali pescando, o sol era danado de forte, minha pele branca ia queimando logo, ficando tudo num vermelhão desgraçado, ardido. Bem que meu avô dizia que hora de pegar traíra é de noitinha, no crepúsculo, antes de a noite se deitar sobre o mundo. Puxa! Às vezes o meu avô era um poeta, um Neruda, que amo tanto agora quando estou sozinho pensando num bom copo de vinho branco. Não sei ler os poemas do Neruda sem pensar em vinho branco, acho que uma coisa está intimamente ligada à outra, mas não sei dizer por quê. Mas já estou me perdendo de novo, o Neruda não devia ter sido citado aqui, porém mais adiante, quando chegasse a hora de falar do amor. Meu avô tinha me avisado: As traíras são peixes noturnos, gostam da noite, se fossem gente iam ser boêmias. Não sabia o que era ser boêmio e por isso perguntei: O que é boêmia? Aí ele me respondeu: Gente que gosta da noite. Eu retruquei: Também gosto da noite, quando o céu estrelado olha pros grilos, e os grilos cantam e os sapos fazem festa pras sapos. Então, também sou

boêmio? O velho riu e respondeu: Menino, não é bem isso. Boêmias são as pessoas que gostam de andar na noite, de bar em bar, bebendo, tocando violão, fazendo serenatas e outras coisas. Essas "outras coisas" ele não me dizia, por mais que insistisse. Nem imaginava o que podia haver a mais na boemia porque naquele tempo, vou dizer a verdade, não gostava de mulheres, menos a mãe e a avó, achava-as muito cheias, sei lá. Tinha medo da beleza delas, acho que era isso. Bem, estava contando da pescaria... De repente, o caniço se dobrou. Senti a puxada forte, devia ser um animalão, quero dizer, um peixe. Joguei-o sobre a taipa do açude e vi: era uma cobra enorme, retorcida, sangrando da boca o viscoso líquido vermelho e nojento. É, tenho nojo de sangue, me lembra não sei bem o quê, fico apavorado, me dá ânsia de vômito, tremedeira, essas coisas. Nunca não tinha visto um muçum, por isso larguei o caniço e corri até onde o avô estava, gritando: *Fata, fata*, peguei uma cobra! Ele estava tirando uma soneca embaixo do cinamomo. Ficou espantado, me perguntou: O que foi, guri? Depois que repeti, ficou desconfiado, alisou o bigode, fez uma careta. Hoje sei que ele pensou, ou imagino que tenha pensado: Cobra não é peixe, esse menino está querendo me passar um trote. Quase tive de arrastá-lo até o açude. Quando chegamos lá, explodiu numa gostosa gargalhada. Teve de segurar a barriga com as mãos, de tanto rir. Ué, de que é que está rindo, quis saber. Ele respondeu: Isso daí é um peixe. Peixe nada, é cobra. Olha bem se não é cobra, afirmei, reticente. É parecido mas não é, ele disse. Continuei dizendo que era cobra. Aí ele esbravejou: Menino teimoso! Não é cobra, não. Nunca não viu um muçum? Viu o que dá morar na cidade? Vem aqui pra colônia passar as férias e não sabe distinguir uma cobra de um peixe. Não fiquei chateado, mas quando ele disse que íamos comer aquilo, fazer uma fritada, estrilei. Credo! Decerto vou comer cobra! Não sou índio. E quem disse que índio come cobra? Ele quis saber. Eu não sabia quem tinha me dito que índio comia cobra.

Observei o jeito da avó preparar o muçum: primeiro riscou ao redor do pescoço e ao longo do corpo com a ponta da faca. Depois, enganchou a cabeça num prego e tirou o couro como se descascasse uma banana. Lavou a carne branca, cortou em pedaços e salgou. Enquanto ela colocava banha na frigideira, aproveitei pra cheirar. Sabe que tinha cheiro de peixe mesmo? E depois, quando começou a fritura, subiu da caçarola um cheirinho bom, familiar. Levei um susto medonho: os nacos cilíndricos se retorciam na banha quente. Meu avô passou aquela mão grandona que ele tinha na minha cabeça e disse: Bobinho, são os nervos. Naquele instante, quando ele me fazia o carinho, a avó estava no tanque, batendo roupa contra a tábua. Uma canaleta trazia a água de longa distância, do olho de boi. Ah, o olho de boi me dá saudade! Era um lugar proibido e do qual não podia nem sonhar em me aproximar. Nas tardes de sábado, quando os vizinhos vinham de suas casas e se reuniam embaixo do cinamomo do meu avô pra contar histórias, casos de assombração e valentias, o olho de boi sempre estava presente, engolindo animais e homens. À noite, quando o vento batia na persiana, fazendo-a gemer, recordava-me da história do tio-avô que caiu num olho de boi e não teve como sair e foi tragado lentamente, sugado pelo fundo sem fundo do pântano. Eu me imaginava sendo tragado, me arrepiava de pavor. Teve vezes que molhei a roupa e os forros de cama. Aí, no outro dia, dizia que tinha deixado a janela aberta e chovera pra dentro. Não adiantava, a avó tinha um faro de cachorro perdigueiro. Besteira minha, ninguém não precisa de muito esforço pra sentir cheiro de mijo...

O avô meteu o garfo no peixe frito, provou, estalou a língua. Fiz o mesmo. Gostei da carne de muçum. Desde então procurei sempre as águas turvas, as sangas, os canais de arroz para pescá-los. Os papos-amarelos, de preferência.

Os pessegueiros florescem na primavera

Eu era bom no bodoque, errava de propósito porque o avô ralhava, não gostava nem um pouco que andasse caçando passarinho. Nem pontaria fiz. A pombinha ainda prendeu a pata no galhinho antes de cair. As penas soltaram-se de seu frágil corpo e acompanharam a brisa da manhã, espalhando-se. Arregalei os olhos, acho que arregalei: não podia ser! Matara sem querer — explicaria ao avô. Melhor se ele nem soubesse. Enterrei a pomba atrás de uma touceira de espinhos. Antes de cobri-la de terra, balbuciei um Pai-nosso. Mas na minha mão ficou uma mancha de sangue, dura, enegrecida, e, no meu coração de menino, um espinho encravado. Saí dali arrastando os pés. Fui até o açude e joguei o estilingue n'água. Puxa! Era uma forquilha trabalhada pelo pai num sábado de folga, borracha argentina. A minha arma, podia vê-la no fundo da lagoa, tão limpa a água estava. O embaçado da vista era da lágrima que descia pelo meu rosto. Não sei por quê, me deu vontade de voltar ao local do crime. Sentei-me na raiz da árvore e fitei o galho onde a pombinha estava ainda havia pouco. Abaixo do galho vi o ninho, e dentro dele as cabecinhas, as boquinhas escancaradas à espera da minhoquinha. Senti um forte aperto no peito. Por minha causa os filhotes nunca mais não veriam a mãe, estavam órfãos, morreriam de fome. Foi ali, depois daquilo, que fiz um propósito, e que cumpri até hoje: nunca mais caçar passarinho, por um prazer besta não ia mais acabar com a vida dos canários, pombas, pintassilgos, papos-roxos, martelinhos e outros.

O avô descansou o saco de pasto-elefante, enroscou a foice num galho alto e sentou-se ao meu lado. O suor escorria de sua face enrugada, brilhando nas ramificações do rosto e do pescoço. O que foi, menino? — quis saber. Nada — respondi. Está triste, os teus olhos dizem. Parece que andou chorando... Respondi: Queria saber uma coisa: quando é que a árvore vai-

se encher de florzinhas mais uma vez? Ah! Então não sabes que os pessegueiros florescem na primavera? — e ele pôs o seu braço grosso e flácido sobre o meu ombro. Os pessegueiros florescem na primavera — repeti, e contei o meu crime. Ele passou a sua mão calejada e grossa no meu rosto e disse: Eu te amo, moleque, e fico muito feliz em saber que nunca mais vais matar as criaturinhas de Deus.

A vida também floresce na primavera, e o perdão, e o amor, eu acho.

A cobra-verde

A latrina era bem diferente do banheiro bonito, de azulejos, que eu tinha em casa, na cidade. Era uma construção rústica, tendo como vaso uma madeira com círculos recortados onde a gente ajeitava a bunda. Uma abertura grande pros adultos e uma pequena pras crianças. Embaixo, corria a água límpida do riacho, levando para os peixes as sobras do Homem. A bosta torvelinhava, rodava, chocava-se contra as pedras e os ramos, desmanchando-se. Frenéticos, os lambaris perseguiram os meus dejetos. Engordavam. Mais tarde, esses mesmos lambaris iriam morder a minhoca no anzol de alfinete. Eu os guardaria na latinha de *Nescafé*. À noite, seriam fígados nos grandes anzóis de espera com empate de cobre. Viriam os muçuns e as traíras. Depois, seriam fritos em banha quente. Meus dentes afiados mastigariam os peixes, eles desciriam pelo esôfago, no estômago sofreriam os violentos ataques dos ácidos; do estômago desciriam aos intestinos. Enfim, mergulhariam na água límpida do córrego misturados aos meus dejetos, viriam os lambaris e...

Sentado no círculo de madeira pensei: a vida é redonda. A gente caga. O lambari come a bosta. A traíra come o lambari. A gente come a traíra e caga outra vez. É: a vida é redonda, não tem começo e não tem fim. Onde se pensa que termina ela está é começando.

E porque estava pensando — e com tanta intensidade pensava, sempre fui assim, ainda hoje quando penso me perco do mundo, fico longe, planando — os meus olhos não viram a cobra-verde que entrou na latrina, fugindo da chuva.

Por falar em cobra, me lembrei de um papo que tive com meu avô. Não garanto que foi exatamente como o transcrevo, é que quando a gente conversa as frases saem desalinhasadas,

com pausas e pigarros etc., e quando se escreve o texto fica limpinho. Bem, mas vou transcrever mais ou menos como foi:

— Túlio, você devia ter conhecido esta terra há quarenta anos. Tinha cobra de toda espécie.

— *Fata*, o que é espécie?

— Tipo, guri, tipo. Vê se não me interrompe. O que era mesmo que estava contando?

— Posso interromper?

— Pode.

— “Tinha cobra de toda espécie...”

— Pois é, caninana, jararaca, cruzeiro, coral. Tinha de tudo. Uma tarde, estava roçando um capoeirão, o sol estalando de tão quente, senti uma mordida na barriga da perna. Ainda deu pra ver a bicha fugindo, mas a espécie não pude reconhecer. Não perdi tempo. Com a foice cortei o lugar onde ela mordeu e chupei o veneno. Rasguei a camisa em tiras e amarrei bem. Foi o tempo de chegar ao hospital lá na cidade e a vista escurecer. Andei feiote. Pergunta aí pra *Muta* que ela conta a história. Tempos brabos, menino. Mas havia fartura. Sobravam toucinho gordo e gado leiteiro. Feijão se colhia à vontade. Arroz, nem se fale. Todo mundo tinha as suas galinhas, os seus porquinhos, ninguém plantava soja, nem trigo. Ninguém dependia de banco pra fazer empréstimo. Um vizinho socorria o outro, sem cobrar juro. Quando alguém matava porco, distribuía assados por toda a vizinhança. Depois, quando os outros matavam porco, aquele recebia assado. A gente sempre tinha carne porque sempre tinha alguém matando porco nas redondezas. Hoje ninguém se conhece. Um só quer plantar mais soja que o outro, ter o carro mais bonito. Naquele tempo o povo andava quieto, satisfeito. Hoje a coisa anda confusa. Hoje todo mundo anda triste, com medo. O dinheiro transforma os homens, menino, eles ficam

orgulhosos, individualistas, mesquinhos, sem amor no coração. O dinheiro é o diabo, guri.

Paro por aqui o meu papo com o avô.

A cobra me viu sentado, cagando, e levou um susto medonho. Fiquei paralisado. Não consegui gritar nem nada. Lá fora chovia fininho, o vento uivava, a natureza inquieta, os passarinhos escondidos. Quando consegui puxar as calças, abrir a porta da latrina e correr, a cobra já tinha também disparado, embrenhando-se na capoeira.

Confesso que, na pressa, me esqueci de limpar a bunda.

Os insondáveis mistérios do mundo

Fazia desenhos na vidraça embaçada. Do meu dedo indicador saíam peixes, aves, navios, arabescos e garatujas. Lá fora, caía uma chuva fininha, os pardais brincavam nas poças d'água, os canários, as corruíras, os azulões e os pintassilgos estavam escondidos sob a copada dos cinamomos, dos pessegueiros. O vento parado, esperando que Deus ordenasse o movimento. Tinha vezes que Deus se enfurecia e mandava a tempestade derrubar as casas, as plantações, as árvores. Pensava nas crianças pobres, que não tinham um lugar seguro pra se abrigarem. Difícil entender Deus. Eu não entendia, ainda não entendo e acho que nunca vou entender, e acho também que ninguém não entende. Mas os animais entendem. Antes da chuva e dos ventos os bois mugem, os porcos grunhem, as galinhas correm como umas porras-loucas pelo terreiro. No horizonte, onde o sol beija a terra e a lua se banha nas lagoas, Deus conversa com o vento, ambos preparam as tempestades.

O meu avô saía pra varanda, fitava o céu, media, estudava o vento e dizia, enérgico:

— É bom fechar as janelas. Vem tempo feio.

Eu chegava mais perto do fogão a lenha, sentindo um frio percorrer-me o corpo, principalmente a espinha. As labaredas crepitavam. O fogo dançava, suas línguas vermelhas se elevavam, se espalhavam no interior do *Venax*. Eu sabia que lá fora o meu avô estava levantando o machado sobre a cabeça, fazendo a simpatia pra cortar as nuvens ao meio. Ele murmurava as palavras mágicas e cravava a lâmina no duro chão do terreiro. No céu, por algum estranho poder do meu avô, da lâmina, das palavras murmuradas ou do acaso, acho que mais do acaso porque hoje não acredito mais nessas coisas, as nuvens se abriam, a tempestade indo pra esquerda e pra direita, dividida ao meio, sem poder de destruição.

Mas naquele tempo me enchia de orgulho: aquele sujeito caladão, metido a contador de histórias, aquele homem alto e forte, era dono dos insondáveis mistérios do mundo.

Uma frase histórica

Até que enfim consegui contar algumas coisas sem muito rodeio. Talvez devesse narrar linearmente, contando o acontecido de cada dia. Ia ser um barato, mas levaria muitos anos, e não tenho vocação proustiana, e acho que a realidade, o passado, é um amontoado de fatos, sem lógica, sem racionalidade. Narrar com linearidade, na minha opinião, seria ao mesmo tempo viver e contar, e o vivido é irrecuperável. O que se pode tentar é juntar os fragmentos, como quando a gente quebra um espelho e tenta remontá-lo: por melhor que seja a cola, a imagem refletida vai ser escalavrada, cheia de ranhuras, distorcida. E outra coisa: a vida é como uma fotografia: com o tempo perde a cor, desbota, perde o contraste, o brilho. Escrever talvez seja uma forma de recuperar a fotografia, refotografar. Enquanto estou escrevendo, a infância passa na memória como um filme, mas há muitas lacunas, lembro somente os fatos que mais me impressionaram. Os meus primeiros anos, na cidade, estão apagados, ou quase. Lembro, porém, das férias, quando passava na casa do avô, brincando, pescando, comendo pipoca com melado, batata-doce e bolinhos *calça-virada*. Dizem que os velhos lembram todos os detalhes da infância. Vai ver que é por isso que não consigo me lembrar de tudo. Digo isso porque estou querendo ser fiel, honesto. Podia fazer literatura, inventar histórias com inúmeros detalhes, descrever as manchas da parede do meu quarto, o número de cagados de mosca que havia no teto, essas coisas, mas não quero enganar ninguém. Posso afirmar que nasci no interior; numa casinha de madeira que tinha uma calçada de pedras, cercada por um belíssimo jardim, tudo isso e muito mais, contudo, usaria a memória de minha mãe e não a minha; e que depois de alguns anos fomos morar na cidade, porque a terra do meu avô era insuficiente, que meu pai precisava fazer a vida dele, esses

draminhas do cotidiano de cada um. Não tenho vontade de falar nisso pra não ficar revoltado, e, se fico revoltado, vão dizer que sou pessimista, que a vida é bela e que sou macambúzio, complexado, sei lá. Interessante como sempre tem alguém julgando o pensamento da gente. Sei que escrever é perigoso e que se paga um preço terrível, principalmente se o livro é editado, a crítica não perdoa, ninguém não quer saber se se escreve por necessidade ou por passatempo. Penso que não vou encontrar editor pra este livro porque sou jovem e desconhecido. Vou, com certeza, engavetar o trabalho, e daqui a dez anos chegarei à conclusão de que o que escrevi não tem valor literário nenhum. Mas, porra! Não estou procurando fazer literatura. Quero apenas me livrar dos fantasmas que me assolam, que não me deixam dormir. Espero escrever este e parar, assim como um estivador carrega o seu saco, larga-o na pilha e respira aliviado. Puxa! Mas o estivador volta a carregar outro saco, e assim a vida inteira. Então, devia parar agora, rasgar tudo o que já está escrito, desistir enquanto é tempo. A verdade é que não sei o que desejo, ou melhor, sei, mas quando chego lá, quando alcanço o objeto desejado, concluo que não era bem isso que queria. Sou um sujeito difícil, os outros têm razão em dizer que sou complicado. Também pudera! Essa fase da vida em que estou é terrível. Ter vinte anos é doloroso, é estúpido. Caramba! Acabei dizendo a minha idade. Podia riscar a frase, mas é que gostei dela, ficou bonita, não ficou? Talvez entre pra história da literatura. Estou sendo pernóstico? A história tem tantas frases ridículas e... entraram pra história... Por exemplo, aquela: *Vini, vidi, vici*. Ou então: *Do alto dessas pirâmides quarenta séculos nos contemplam*. Ou: *Até tu, Brutus?* Puxa! Se essas besteiras entraram pra história, por que *Ter vinte anos é doloroso, é estúpido* não pode entrar? Só me falta um amigo historiador, acho que é isso. Bem, agora estou sendo irônico demais. É que, pra dizer a verdade, não acredito na história, muito menos nos historiadores. Alguém vai dizer que me traí, que no momento em que estou narrando,

contando a minha vida, estou fazendo história. Concordo. Mas em algum momento afirmei que acreditava em mim mesmo?

O primo Basílio

Mais importante que as pescarias da minha infância foi o primo Basílio, que vinha de Porto Alegre nas férias de dezembro e trazia na mala — e na cabeça — muitas novidades. Ele era diferente: jogava futebol muito bem, tinha o diabo no pé, muito antes de o Sócrates aparecer ele já fazia aquelas loucuras com o calcanhar, andava sempre muito bem-vestido e tinha bastante dinheiro no bolso, porque era rico. Mas Basílio não era esnobe, por isso gostava dele. Claro que naquele tempo não sabia o que é ser esnobe, mas tenho certeza de que ele não era. Talvez porque fosse criança. Agora nem sei por onde anda. Isso que é a merda de a gente crescer: vai perdendo tudo de que mais gosta. Eu gostava do Basílio, se gostava! Passava o ano inteiro esperando a chegada das férias, só pra estar com ele, pescar, brincar, brigar, essas coisas todas de criança. O desgraçado tinha uma *liga* pra pescaria que não era mole. Nunca ficou sapateiro, sempre pegava os maiores, jundiá então era com ele. Outra coisa com ele era espiar as meninas do vizinho tomando banho nuas no riacho. Pra mim aquilo não tinha muita importância, ah se ia ficar emocionado em ver aquelas branquelas magricelas peladas! Ele não, cruzes! Ficava até com o passarinho aceso, uma coisa que só vendo. Chegava até a gemer, o sem-vergonha. E falava porcarias, credo, se falava! De cada dez palavras que dizia, onze eram bagaceirice. Acho que era Porto Alegre que deixava ele assim. Não vou contar as coisas todas que ele me contava, tudo o que ele fazia com as vizinhas no edifício de apartamentos onde morava, aquelas histórias de elevador etc., porque não sou disso. As primeiras revistas de mulheres nuas foi ele quem trouxe. Ah, mas não vão pensar que eram essas revistas ginecológicas que andam por aí. Não, eram fotografias bonitas, artísticas. Aí, sim, vendo aquelas mulheres lindas, aqueles predicados apenas insinuados, ficava excitado, com

uma vontade louca de me encostar nelas, fazer um carinho, dar um beijo no pescoço, essas coisas.

O Basílio era um capeta. Amarrava latas no rabo das vacas, tochas de fogo no rabo dos cachorros, cutucava os ninhos de marimbondos mas quem levava as ferroadas era eu, porque sempre fui meio moloidão, não sei correr ligeiro, me atrapalho um pouco com essas pernas enormes que tenho. Bem, naquele tempo as minhas pernas não eram assim, mas era moloide igual e acabava levando a pior. Mas o pior mesmo era a gozação dele depois. O avô e a avó ficavam em polvorosa, apavorados com as nossas travessuras. Prometiam mandar-nos embora no primeiro ônibus do dia seguinte, mas esqueciam. Velho esquece as coisas — era o que o Basílio dizia. Não gostava daquele jeito dele de chamar o avô e a avó. *Velhos* era assim como se fossem: imprestáveis. Mas, não, eram velhos mas tomavam conta da terra sozinhos, não dependiam dos filhos, antes, pelo contrário, até os ajudavam dando-lhes mandioca, chuchu, batata-doce, galinhas, ovos, queijo etc.

Se encontrasse o Basílio agora, ia lembrar com ele tudo o que a gente fez. Havia de ser uma festa de recordações, ele talvez tenha memória melhor que a minha e poderia dar mais detalhes.

Lembro-me de um domingo em que fomos de bicicleta até a costa. Puxa! Era lindo ver o Uruguai serpenteando, retorcido, os pescadores e contrabandistas atravessando a brabeza do rio. Os remos cortavam a água, os corpos suados brilhavam debaixo do sol escaldante. Os contrabandistas atravessavam o rio em plena luz do dia, porque os soldados estavam bebendo cachaça e jogando bocha, ou então apostando nos rinhadeiros, onde os galos morriam ou ficavam cegos de tanto brigar. A verdade é que os soldados nunca não foram perigo pros *chibeiros*. Se pagassem *bola*, podiam trazer farinha, banha, armas, munições e azeite da Argentina. Não pagassem, os pés de porco afundavam as embarcações, quebravam os ossos dos

contrabandistas e espalhavam a farinha na rútila face das águas.

Quando alcançamos a margem do rio, disse pro Basílio:

— Nada de banho.

— Tem medo, cagão? — ele me perguntou.

Respondi: — O rio é traiçoeiro, largo demais.

É que eu media a força dos meus braços e pernas. O Uruguai — sabia — era como o touro brasino: lento, quietão, mas quando resolvia embrabecer não tinha quem o segurasse.

— Os valentes morrem primeiro.

Basílio ficou me olhando, admirado com a frase. Fiquei meio sem jeito: quem dizia isso era o meu pai. Pura safadeza do Basílio, só pra se vingar da beleza da minha frase, perguntou:

— Se um peru brasileiro pusesse um ovo exatamente no meio do Uruguai, na divisa entre o Brasil e a Argentina, o ovo seria nosso ou dos castelhanos?

Não refleti nem um segundo, respondi:

— Fosse um peru brasileiro, o ovo seria nosso. Fosse argentino, seria deles.

Aí o miserento caiu na gargalhada e me respondeu:

— Idiota, onde já se viu um peru botar ovo?

Fiquei com as orelhas vermelhas, em fogo, tive vontade de meter a mão na cara dele, mas desisti. A burrice tinha sido minha, me precipitei na resposta.

Desde aquele domingo fiquei meio cabreiro. Sempre penso bem antes de responder qualquer pergunta.

Um pouco de loucura

As férias passavam com uma rapidez incrível. Chegava o dia de voltar pra cidade. Parece que daí, só de propósito, os passarinhos cantavam mais, o céu ficava mais azul, a vida mais cheia de graça, mais suculenta. Olhava pro rosto sério do avô, tentando surpreender na sua face a permissão pra ficar. Que nada! Ele passava a mão na minha cabeça e dizia: Até a próxima, guri, e estuda bastante! Não tinha outro jeito senão abraçar a minha maleta e subir o morro até a estradinha de chão batido por onde passava o ônibus. Droga, isso tudo lembro agora e fico chateado. Até aqui, no papel, vou ter de deixar a colônia, a infância, e contar alguma coisa do meu pai e da minha mãe e da vida em Pau-d'Arco, conforme prometi. Sou assim: cumpro o que prometo, nem que demore.

Gostava também da cidade, lógico. Mais crescia, mais gostava. É que daí apareceram os amigos, as partidas de futebol, as molecagens. Desculpem, minha cabeça está numa confusão dos diabos, é a primeira vez que tento escrever um livro; se fosse bom em português seria mais fácil, acontece que sempre fui muito preguiçoso. Apesar de ler bastante e tal, nunca dei atenção pra gramática, sintaxe, essas coisas. Achava pura perda de tempo. Dizer a verdade: ainda acho, mas reconheço a serventia. Escrever correto é bonito, e dá *status*.

Bom, vou tentar descrever o meu pai, começando pela cabeça: tem o cabelo preto feito carvão, testa grande, nariz batatudo como o meu, olho verde, pele clara, dentes manchados de nicotina. Taí uma coisa que não faço: fumar. Tentei, mas não deu certo. Nas primeiras vezes — é minha mãe quem diz —, comi o cigarro em vez de puxar a fumaça. Mas isso foi quando era bem menininho, e pra criança a gente tem de dar desconto. Foi ótimo não ter me viciado, economizo uma boa grana por mês, posso comprar vinhos, livros, ou ir ao

cinema, que são as três coisas de que mais gosto, depois da Rosana, é evidente. O queixo do meu pai é igual ao meu, ou o meu é igual ao dele, porque ele veio primeiro. O pescoço é curto e grosso, mas ele não gosta que alguém diga isso, fica uma fera, vermelho de brabo, bufa, sapateia. Virgem! O meu pai quando fica brabo saiam de perto. Ele tem os braços fortes, musculosos, de carregar sacos e enlonar o caminhão, de guiar aquele bruto Mercedes-Benz e trocar pneu em noite de chuva. Sem querer acabei dizendo a profissão dele: motorista de caminhão.

Minha mãe, ao contrário, é pequena, frágil. Usa cabelo comprido porque tem nariz grande e acha que assim o nariz diminui.

A nossa casa é de madeira, poucas peças, mas tenho um quarto só meu, onde guardo as minhas coisas e me guardo. Passo horas trancado, lendo, ouvindo música, pensando. Minha mãe reclama. Ela diz que tenho a pele branca porque não tomo sol e que se continuar a ler desse jeito vou ficar louco, essas coisas bobas que todas as mães dizem. Ela cita um parente que pirou de tanto ler. Não acredito, ou melhor, me recuso a acreditar. Vai ver que ele era um louco em potencial, e a leitura apenas abriu as portas para que a insanidade saísse. É isso mesmo: saísse. Todos somos loucos varridos, só que não externamos. Quem é que no silêncio do quarto, nas noites de insônia, não pensa nas maiores loucuras? Quem é que não sonha bobagens? Pois é: o sonho é uma forma de ser louco em segredo, acho. Bom, não vou falar muito sobre o assunto porque senão vão dizer que sou doido. Ora, mas por que fico preocupado com os outros? Quem são os outros? Não devo nada pra ninguém, não tenho satisfação a dar pra chato nenhum. Nossa! E essa cidade tem chato pra mais de metro. Um dia ainda vou-me embora, se possível pra França. Paris me fascina, Paris me emociona. Paris, espere-me, chego aí, se chego! Ainda caminharei pelo Sena, subirei na Torre Eiffel, e do

alto da torre, pra que o mundo inteiro ouça, Rosana, gritarei
teu nome, gritarei: Eu te amo.

Pelas estradas do Brasil

Sobre a Rosana vou falar daqui a pouco, é que preciso estar bem romântico pra falar dela, e hoje não estou nada. Percebo que minha forma de narrar está ficando diferente. O que principiou alegre e divertido está ficando sério. É que o processo de escrever, o estar escrevendo, a tentativa de recuperar algumas coisas do meu passado efetuam em mim uma transformação radical. Sou capaz de terminar o livro fazendo como o Flaubert: reescrevendo inúmeras vezes a mesma página. Aí está a diferença entre o que estou fazendo e a literatura; o trabalho paciente, a elaboração obstinada. Isso tudo que escrevo vem assim de repente, como se um vulcão tivesse entrado em erupção dentro de mim, a coisa vem desordenada, caótica, sem um rumo definido. Tem de ser assim porque sou assim. O texto deve refletir exatamente o que sou e não o que gostaria de ser. Não pode haver falsidade entre mim e a página. Se mais tarde resolver enfrentar o ofício de escrever com seriedade, então, sim, farei o contrário: não falarei de mim, criarei personagens, reescreverei cortando os cacoetes, essas coisas. Bem, nem devia ter consciência disso tudo, pois o simples fato de tê-la já me inibe, me tolhe.

Pretendo contar algumas coisas sobre a vida do meu pai, na estrada. Posso fazer isso porque muitas vezes fui junto com ele nas viagens, mas antes vou pensar no clima. Isso mesmo: preciso dar um clima especial à narrativa. Fica mais apaixonante, mais gostoso de ler, não é?

Ficava sentado na soleira da porta lá de casa, mirando o fim da rua, onde a qualquer momento o caminhão devia apontar. O ronco do motor eu ouvia muito antes de o caminhão dobrar a esquina. O pai vivia dizendo que ia arrumar o cano de descarga mas não consertava nunca. A saudade me doía fininha. Uma coisa no peito me dizia o dia certo que ele vinha. Não errava

nunca. Isso é uma coisa que tenho: muitas vezes prevejo os acontecimentos, antecipo-me. A verdade é que as coisas perdem a graça quando a gente já sabe o que vai acontecer, o bom da vida são as surpresas que ela nos reserva, a expectativa. Puxa, se era bom quando o pai voltava! Às vezes, ele ficava um, dois meses fora. Ah, me lembrei de uma coisa que senti antes de ela acontecer. Foi uma vez quando o pai voltou de São Paulo. Chegou à noite, por isso não o vi chegar. De manhã acordei com a conversa dele e da mãe na cozinha. Levantei ainda meio dormindo, acho que esfregando os olhos, claro, sempre esfregava os olhos quando levantava, ainda esfrego, e fui até onde estavam. A primeira coisa que disse foi: Por que uma bicicleta quebrada? Aí ele perguntou: Quem te falou isso, menino? Acho que sonhei que tinha me trazido uma bicicleta verde, mas quebrada, respondi. Sabe que acertei? Depois, quando ele tirou a lona da carga, vi a bicicleta verde, e estava, realmente, quebrada, porque tinha caído do caminhão na hora em que foram colocá-la na carroceria.

A vida de caminhoneiro não é nada fácil, e a de meu pai foi mais difícil ainda, porque naquele tempo as estradas do Rio Grande do Sul não eram asfaltadas, só umas poucas, e quando chovia virava tudo um lodo desgraçado. Não vou descrever nenhum encalhe porque não quero repetir aquela história do Domingos Pellegrini Jr., *O encalhe dos trezentos*, daí vão dizer que estou plagiando. Nossa! Como é difícil ser original! Tem um poeminha do Mario Quintana sobre a originalidade, ou o lugar-comum, não sei bem, mas não vou levantar e ir até a estante buscar o livro e procurar, daí perco o fio da meada. Quando me interrompo, ou sou interrompido, fico nervoso e não consigo mais continuar. Mas estava falando do encalhe... Olha, vou dizer uma: a gente não chamava encalhe, agora estou dando uma de literato, sei lá. O pai dizia simplesmente: peludo. Pegar um peludo, peludear, ir pra valeta, patinar, esses verbos, e nunca não dizia encalhar, acho até que meu pai nem sabe o que significa encalhar. Minto, sabe porque sempre ouvia ele

dizer que a tia, aquela solteirona da família, tinha enalhado, quer dizer: não tinha conseguido arranjar um marido. Meu pai é um cara divertido, e danado de malandro. Uma vez, quando estávamos viajando, me levou na *zona*. Eu era bem guri, nem não podia ir aos *finalmente*. Fiquei com uma vergonha medonha. As mulheres eram umas debochadas e ficaram gozando do meu pinto. Fiquei sozinho na sala com elas, o meu pai tinha entrado num quarto com uma. Tive vontade de sair correndo dali, chorar, sapatear, acho que até cheguei a morder a mão de uma daquelas donas. Depois, seguindo viagem, ele ria. Mas era bom viajar com ele. A gente cantava modinhas sertanejas. Essa era a música preferida de meu pai, ainda é. Tônico e Tinoco, Pedro Bento e Zé da Estrada, Cascatinha e Inhana. Eu gostava demais do barulho dos pneus, o chiado me dava um sono bom, acho que me lembrava do tempo que estava na barriga da minha mãe. Outra coisa de que gostava muito era do calorzinho do motor, porque o pai tinha um Mercedes-Benz cara-chata, daqueles que o motor fica dentro da cabine. Eu deitava em cima do cavalo (que era como a gente chamava) me equilibrando e até conseguia dormir ali. Quando o caminhão dobrava uma curva à esquerda, mesmo dormindo eu jogava o corpo pra direita. Ficava com pena do pai quando furava pneu em dia de chuva. Ele tinha de sair pro frio, pegar a chave na caixa de ferramentas e desparafusar a roda; antes, claro, ele tinha calçado, metido o macaco no eixo e levantado o caminhão. Era uma luta. Por isso ele ficou com os braços fortes, possantes. E também de carregar sacos, porque o meu pai não podia ficar olhando os estivadores no porto carregando o caminhão, ajudava a carregar, acho que pra ir mais ligeiro, ele estava sempre correndo, resmungando: Preciso pagar esse caminhão. Fazia até três viagens por semana de Pau-d'Arco a Rio Grande ou Porto Alegre. Meu pai conseguiu pagar o caminhão dele, mas sei de alguns que hoje já não conseguem mais porque nem tem mais frete, as transportadoras abocanharam tudo, os motoristas são todos empregados, ninguém mais não tem o de seu, ninguém não pode dizer —

como meu pai dizia: — É meu, o animal, paguei em 24 prestações, rodei muito pelas estradas do Brasil, mas valeu a pena.

Hoje nada vale mais a pena. Não quero ser pessimista, mas a coisa — como diz o Chico Buarque — anda preta. Não é saudosismo, mas vejam bem: meu pai era motorista de caminhão, puxava fretes, e conseguiu comprar uma casa, pagar o caminhão e abrir um negócio particular. Hoje alguém consegue comprar alguma coisa sendo motorista de caminhão? Pouco entendo de política, até nem gosto, tenho nojo desses políticos que trocam de casca como as cobras, são lisos como elas e têm veneno nos dentes, mas continuar como está é impossível. Ok, mas vou parar por aqui, a intenção não era de falar sobre os problemas da nação, e sim sobre o meu pai e seu Mercedes-Benz.

Algumas vezes a mãe ia junto. Aí, sim, era uma beleza. Nós três, cantando aquela música muito conhecida, que diz: “Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino, de longe eu avistava a figura de um menino”. Era uma felicidade danada de grande, sentia até vontade de chorar. Não sei por quê, mas quando estou muito feliz sinto vontade de chorar. Acontece isso quando ando na chuva, a cidade vazia, o barulho dos meus sapatos assustando o silêncio noturno, os gatos e os cães. Sou meio poeta, mas tenho vergonha disso. Podem pensar que não sou bem homem, essas coisas, ou então dizer que sou maluco, neurótico, sei lá.

A mãe tinha a voz bem afinada, ainda tem. Só que agora ela não canta mais, depois que se separou do pai ficou mudo o seu canto, ela perdeu a alegria. Eu já disse pra ela muitas vezes: Arruma outro, ninguém não pode e nem deve amar assim, ninguém merece ser amado tanto. O amor é uma coisa muito gozada, nem sei explicar. Ao mesmo tempo entendo o meu pai e também entendo a minha mãe. Acho que mulher ama diferente, a mulher sabe amar, a mulher se entrega demais, se

dá completamente. E por isso sofre, sofre muito, sofre feito cachorro. Bem, mas não devia ter dito isso agora, até nem queria que essa parte da vida dos dois entrasse na história, tinha planejado abafar isso, não lembrar, pra não sofrer. Mas caramba! A vida tem de tudo um pouco, não tem? Fosse só alegria, ia ser uma chatice; fosse só tristeza, ia ser uma loucura. É bom que seja bem dosada, como numa pintura em que o efeito estético é dado pelo jogo de luz e sombra.

Quando a mãe ia junto era mais interessante. Ela fazia a comida, daí a gente não precisava parar nos restaurantes pra comer aquelas comidas ruins. Comida boa é a minha mãe quem faz. Não sou desses que só gostam da comida da vizinha. Admiro minha mãe por essa qualidade também: é uma grande cozinheira, acho até que o tempero sai dos dedos dela, assim como aquele menino fabuloso, *O menino do dedo verde*, que transformava tudo o que tocava.

Outra coisa boa era ver os dois juntos. Os olhos da minha mãe brilhavam. Mesmo no escuro, enquanto os faróis do Mercedes varriam a escuridão da estrada, os seus olhos faiscavam, acho que de prazer, de satisfação. O sorriso dela, então, enchia a cabine. Até a música ficava mais bonita. Bem, a verdade é que ela tinha o gosto musical mais apurado. Procurava no *dial* músicas melhores. Não que não gostasse das sertanejas. Gostava, mas a sua paixão era mesmo as orquestras, principalmente os boleros. Meu pai dizia que aquilo era música de *zona*. Ela respondia: Vai ver que eu devia ter nascido mulher da vida. Os dois riam gostoso, enquanto o caminhão rodava pelas estradas deste Brasil nosso de cada dia.

(A chuva *in-percutia* na cabine do Mercedes, misturando-se aos dolorosos acordes da viola e sofrido dueto dos cantores. Deitado sobre o *cavalo* logo estarei dormindo, embalado pela suave gotejante música. A mãe não está gostando da modinha de viola, bem que preferia um bolero. O pai morde o lábio inferior, apreensivo. A luz esverdeada do painel permite-me

ver-lhe o rosto repuxado e o olhar em agonia. Ah, lindos os olhos do pai no quase-escuro da cabine, faiscando, captando os menores movimentos da noite: uma lebre correndo à frente do caminhão, pondo em risco sua vida saltitante e macia; uma coruja batendo no para-choque; a luz de outro carro riscando o veludo da noite. Aquele é um GMC — o pai dizia pra mãe, conhecendo o veículo pelos faróis. Fico pasmado com essa sabedoria adquirida no volante de um cargueiro.

Quando o caminhão *peludeou*², soube o porquê da preocupação do pai. Foi naquela longa subida antes de Cerro Largo, quem passou pelo velho estradão sabe. A chuva não vai parar antes de amanhã — garante o pai, conhecendo o tempo, também. Debruçou-se sobre o volante. Talvez rezasse, mas acho que não, ele era meio descrente, só apelava pra Deus em última instância. Cuida do menino — havia um travo amargo na sua voz. Afagou-me a cabeça: E você cuida dela, meu atalaia. A luz do painel não foi suficiente pra denunciar meu rubor, mas também não escondeu a lágrima que me brotou dos olhos, pesadona. Antes que dos seus uma saltasse, ele quem saltou para a noite, a chuva, os raios. Seu vulto arrastou-se colina acima. Pela lanterna que levava, podíamos saber em que ponto estava. Momentaneamente, um relâmpago iluminou a noite e pudemos vê-lo, a camisa branca refletindo a luz de Deus. “Pai nosso que estais no céu...” Mãe, o pai volta? Volta, Túlio, “seja feita a tua vontade...”

Motorista de hoje não sabe o que é estrada de chão batido, areião preto, terra vermelha. A vida de caminhoneiro há quinze anos era uma desgraça: atoleiros, assaltantes, falta de postos de gasolina e borracharias. Mas um caminhão se pagava puxando frete, arroz da fronteira pra São Paulo, açúcar de São Paulo pra Porto Alegre, vassouras de Artigas (Uruguai) pra Alegrete, contrabando de farinha e banha da Argentina, mercadoria fria, nota fiscal adulterada com acetona. Hoje? Nem caminhão a diesel, motorista tudo empregado, andando sem amor pelas estradas do Brasil, que ninguém não põe amor em

coisa emprestada, arrendada, alugada. Tanto acidente, culpa só da velocidade e do asfalto?

Esta não é uma história inventada. Mas a escrevo muitos anos depois de acontecida. O tempo não apagou a lembrança, até o cheiro de óleo queimado sinto aqui dentro do quarto. O céu ribomba — Deus e São Pedro jogando bolão —, é a voz de vovô que ouço, misturando dois tempos diferentes. A chuva despenca com mais força, formando uma cortina de vapores que faço surgir adiante ao puxar o botão da luz, até que a mãe ralhe comigo, lembrando a bateria fraca e o conselho do pai: a economizássemos, para que o caminhão tivesse arranque. Esse é um problema insolúvel — o da bateria. O Mercedes funciona sempre na base do *arranque nacional*. Desgraça quando não há um lançante e o caminhão estaciona em terreno plano. O pai ajuda com o corpo, pondo toda a força na ignição, a gente faz figa com o polegar entre o indicador e o pai de todos, mas o virabrequim não virabrequina e a maldita fagulha não faz explodir o combustível. Desce, o pai, batendo furioso a porta, abrindo a caixa de ferramentas e sacando daquele caos de fios de cobre: macaco, chave de roda, chave de fenda, chave *Philips*, torquês e as velas *Champion* novinhas, abre o carburador, raspa o ácido que se formou nos cabecotes da bateria e diz merda, bateria filha da puta, esta é a última viagem que faço, chego em casa e vendo o caminhão. Qual nada, o caminhão estremecendo, o pai pisa fundo no acelerador, o outro pé ainda na embreagem, satisfeito da vida e esquecido da bateria miserável.

A mãe dorme, mas eu não posso, sou o atalaia. Desapontar meu pai? Velho, terrível missão me deu você. Há fantasmas movendo-se ao redor do caminhão. A chuva parou e os sapos coaxam. É esquisito o namoro dos sapos. O som aqui no quarto é familiar, os tipos escurecendo a página, imprimindo no papel a história que já não sei se é de ontem, de oito ou quinze anos atrás ou se está acontecendo agora, na longa subida antes de Cerro Largo, neste exato instante. Tenho medo e a

responsabilidade é grande demais e eu sou um menino. O dia vai rompendo, revelando à esquerda uma casa mergulhada no arvoredos, uma estante de metal arcada sob os pesados livros, à direita uma cerca de arame farpado, bois pastando indolentes, indiferentes à bátega d'água que agora retornou, uma cortina brisa-esvoaçante: oh, semoventes sombras. Mais longe, em ambas as margens da estrada (ou não será um rio?), cerrados capões, uma parede, cobras venenosas (não serão peixes?), escorpiões, aranhas. O lusco-fusco permanece, que o sol é incapaz de varar as grossas nuvens, e a lâmpada aqui no quarto é só de sessenta velas.

Eu e a mãe comemos bolacha *Maria* e linguça. A mãe apura o ouvido, excitada. Pouco depois podemos ver o jipe, de luz baixa, dançando sobre o espelho de barro.

O pai retornou. Dois dias depois conseguimos desatolar o caminhão.)

Ó Domingos Pellegrini Jr., perdoa pela narração do *peludo*. Sucede que, mesmo sabendo que não seria original, e nem não estou preocupado com isso, resolvi contá-lo, porque foi um fato real, aconteceu numa noite de chuva entre Santo Ângelo e Cerro Largo. É que a vida imita a arte, ela tem essa constrangedora mania, entende?

[2](#) "Atobu", na gíria de caminhoneiro do Rio Grande do Sul.

Rosana que Porto Alegre comeu

A literatura anda cheia de histórias de amor impossíveis. Tem aquele clássico, com final trágico, *Romeu e Julieta*, acho que por isso mesmo um clássico: por ser trágico. A minha história de amor é meio sem graça, o bom mesmo da minha vida foi a infância. Não foi um amor trágico, nem uma paixão violenta. Foi uma coisa assim suave e leve como um bom vinho, mas doeu bastante. Vai ver que por isso doeu mais: a gilete corta sem fazer alarde, na hora não dói, mas corta fundo. Falar em gilete: já usei, foi uma loucura que fiz, uma bobagem muito grande. Agora não tenho mais vontade de morrer, agora quero a vida, sugar tudo o que ela tem pra me dar, amar com intensidade cada vão momento. Olha, se essa frase é plágio de alguma poesia, me perdoem, não foi proposital, me veio pronta, acabada. Se não for, comprova uma coisa que já disse: sou meio poeta. A vez que usei a gilete no pulso direito foi num dia chuvoso, estava muito triste, abatido, olhava pro jardim e via as rosas floridas, as pessoas vindo apressadas pela rua, fugindo da chuva, e uma depressão muito grande se abateu sobre mim, me senti um verme inútil, uma coisa que não devia continuar vivendo, aí fui até o banheiro e meti a gilete no pulso, mas quando vi o sangue abri a porta e gritei pela mãe, ela veio correndo, fez um curativo, eu disse que tinha sido um acidente, tudo acabou bem, ela não perguntou nada. A minha história de amor não foi muito trágica, mas doeu, não houve mortes, tiros, essas coisas que só acontecem nos livros. A vida é mais desinteressante que a literatura, parece.

O meu amor foi impossível porque só tinha dezoito anos, e ninguém não acredita num cara de dezoito anos. As pessoas pensam que quem tem dezoito anos só está interessado em moto, *fuminho*, esporte, essas coisas. Bem, mas tenho a impressão de que essas pessoas, os adultos, os meia-idade, os donos do poder, querem que a gente própria pense assim. A

propaganda na televisão mostra o jovem alienado, viver é curtir o sol — diz o refrão. Acho que os políticos, as raposas velhas, querem é que a gente não se meta, eles não querem nada com a juventude porque podemos balançar o coreto, acho que é isso. É muito bom pra eles, por exemplo, que eu diga que política é uma coisa que não me interessa. Mas tem de ficar clara uma coisa: não me interessa a politicagem, o papo-furado, a ladroagem, a mentira deslavada. Política verdadeira, política genuína acho até que estou fazendo no momento em que — jovem e revoltado — questiono esses problemas. Puxa! Olha o preconceito: eu próprio estou me chamando de revoltado. Revoltado é igual a não acomodado, não conivente com a injustiça. Estou falando tudo isso porque amor, namoro, casamento também são fatos políticos. Eu e Rosana discutíamos muito essas coisas, ela tinha a cabeça muito aberta, lia muito, não era de falar demais, porém quando falava dizia a coisa certa, exata. Acertava na mosca. Ela também tinha dezoito anos e usava calça *Lee*. Nunca não vi a Rosana de vestido, e bem que estava interessado em ver as pernas dela. A gente tinha desejos um pelo outro, é verdade. Eu tremia de excitação quando a beijava, ela também tremia, a gente se esfregava, mas nunca não passou disso, porque tanto eu quanto ela sabíamos que se fizéssemos alguma coisa estaríamos perdidos, iríamos casar e estragaríamos tudo. Não quero horrorizar ninguém, mas acho que casamento é o fim do amor. Por que não sei, tenho essa impressão.

Rosana também não queria casamento. É um compromisso muito sério — ela dizia. Realmente não estávamos preparados. Tenho saudade da Rosana, ela agora está em Porto Alegre, quer ser jornalista, mas acho que vai quebrar a cara, a cidade grande vai matar a Rosana que conheci, a menina meiga, delicada. Não quero ser pessimista, e o Loyola³ que me perdoe, mas algum dia, se resolver virar escritor de verdade, vou fazer um romance, será a minha obra-prima, aquele livro ao qual me

dedicarei integralmente, e se chamará *Rosana que Porto Alegre comeu*.

Loira, olho verde, sardenta, um metro e sessenta, pé trinta e três: as características exteriores de Rosana. Por dentro ela era assim: inteligente, meiga, delicada, aberta, cuca legal, compreensiva e um monte de adjetivos que me fogem no momento. Filha de médico. E aí começou o problema. Ela tinha maneiras especiais, educação especial, amizades especiais. Tudo nela era especial, e em mim tudo era rude, filho de caminhoneiro, grosso, pobre, essas coisas. E, por maior que fosse o amor, as diferenças eram muitas, e mais fortes.

[3](#) Ignácio de Loyola Brandão, escritor brasileiro, autor de *Babel que a cidade comeu*.

O colégio João XXIII

Um dos orgulhos de Pau-d'Arco é o colégio João XXIII. Imponente construção de três andares, arborizado jardim (das delícias dos casais de namorados). Devia estar muito assustado naquela manhã de março, quando o Diretor fez um discurso interminável, desejando a todos um feliz retorno às aulas, porque, ao ouvir um professor ler uma lista de nomes na qual estava incluído, senti vontade de correr, quase fiz sujeira nas calças. Bom, só tinha treze anos e nunca não havia pisado ali, exceto no dia em que minha mãe me levou à secretaria pra fazer a matrícula. Fizemos fila e subimos a escadaria cantando o Hino Nacional. Não sei se era por patriotismo ou se por ordem do governo. O colégio não era militar, era de padre mesmo. É que isso foi em 1975, e naqueles anos os padres obedeciam direitinho ao que o governo mandava. Não havia acontecido ainda a Conferência de Puebla, que foi o que mudou o jeito da Igreja. Bom, queria com isso dizer que foi na fila que vi a Rosana pela primeira vez. Não vou garantir que meu coração bateu mais forte. Não bateu. Vi, achei feia, desmilinguida, muito sorridente, assanhada, essas coisas. Pensei comigo: nunca não ia namorar uma tipa dessas. Não sei o que ela pensou de mim. Acho que nem pensou. Eu nem existia. Daí, entramos na sala de aula, que era no terceiro andar, porque faltou sala no primeiro. No João XXIII era assim: a gente ia subindo de ano e de andar. A primeira coisa que fizemos foi rezar uma Ave-Maria e um Pai-nosso. O Pai-nosso eu sabia, mas a Ave-Maria não, porque sou protestante, de nome, pelo menos. Não fiz o sinal da cruz. O professor, um alemão alto e espigado, óculos grossos e verdes, cara vermelha e manchada, fumando um charuto catinguento, veio até onde eu estava e quis saber por que não tinha feito o sinal da cruz. Falei que não era católico. Ele me pegou pelo braço e disse: Meu filho, você veio pra sala errada, e me levou pra

outra, no primeiro andar. Só fui ver a Rosana outra vez no recreio, falando alto e rindo, dependurada numa amiga. Muitos anos as duas andaram grudadas. A primeira vez que falei com ela não me lembro, está perdida na barafunda da minha cabeça. Demorou pra gente se encontrar no meio daqueles alunos todos, mais de mil, segundo a direção da escola. Acho que era mentira, porque no período da manhã devia ter uns duzentos, à tarde mais uns duzentos e à noite uns trezentos. Eles diziam mil pra arredondar, ou pra aparecer. Puxa se aquela cambada queria aparecer! Não sei se devo falar dos professores, alguns eram muito bons, me deixaram marcado pro resto da vida, me ensinaram a viver, mas, em compensação, teve outros que também me marcaram pro resto da vida, só que desejo vê-los no inferno, essa é que é a verdade. Olha, vou contar tudo, nem que doa no lombo de alguns. Azar deles. Ninguém mandou serem uns animais estúpidos, principalmente o de Geografia, um baixinho besta e fuxiquento, metido a mandão do tipo "prendo e arrebento".

Tinha treze anos e um orgulho danado de estudar. Queria ser médico a todo pano. Sabe, acreditava naquilo, puxa se acreditava! E o pior, ou melhor, não sei, é que meu pai e meu avô davam força, a minha mãe até dizia: Estou morrendo de vontade de te ver vestido de branco, camisa branca, sapato branco, calça branca. E eu realmente queria ser médico. Já podia me ver operando os pacientes, só que na minha imaginação eram sempre operações sem sangue, porque tenho nojo de sangue.

Minha turma era legal. Logo no primeiro ano fiz umas amizades incríveis. Tinha o Paulo, que agora entrou pro Banco do Brasil, está com o futuro garantido, aliás, sempre esteve. O Jaime, que não sei o fim que levou, se é feliz ou não, se casou ou virou padre. Ele sempre dizia que se não casasse com a Ivone ia virar monge. Vai ver que virou, porque ela casou com o Antônio, se não me falha a memória. Tinha o Ari, que não gostava de tomar banho, vivia fedendo. E o Ivo. Era uma

equipe e tanto. A gente tinha muitas afinidades. Uma, por exemplo, era gazetear. É claro que não havia nenhum caça-gazeta como nas histórias em quadrinhos do *Bolinha*. Táí outra afinidade: revista em quadrinho. O Paulo fazia coleção, principalmente *Zé Carioca*. Foi um tempo danado de bom, quando fico lembrando me dá até vontade de voltar a estudar, mas é que mesmo que volte não vou encontrar os amigos, a turma nunca mais não se encontrará, mesmo porque todos estão crescidos, uns usando barba, outros como eu, com a cara lisa, aliás nem tanto, porque as espinhas pipocam tudo, cada um batalhando, porque saiu de casa, ou porque os velhos não estão a fim de sustentar malandro.

As carteiras do fundo da sala eram nossas, da turma. As meninas sentavam-se lá na frente, pertinho dos professores, porque queriam aparecer, responder às questões primeiro, correr no quadro-negro quando pudessem, ou mostrar as pernas, como o Paulo dizia. Tinha a Jussara, uma loira danada de bonita. Rebolava que só vendo. Usava uns vestidinhos de primeira comunhão, as coxas ficavam saltando pra fora, o professor de Física, um verdadeiro tarado, arregalava os olhos, jogava o giz no chão pra juntar. Nossa! O giz ia ao chão vinte vezes por aula. Um salafra, o professor de Física. Aí ele ficava olhando pros atributos da Jussara e falava bobagem, se enrolava, teve um dia até que o palhaço disse: Como estava dizendo, o Nilo é um rio que atravessa... e parou, vermelho de vergonha, lembrou que era sobre o movimento retilíneo uniforme que estava falando. Não recordo de uma única aula em que tivesse falado só de Física. Falava de tudo, menos sobre a mecânica dos sólidos e dos fluidos. Um dia pedi pra ele explicar a Teoria da Relatividade. Coçou a barriga, resmungou, assoou o nariz e me disse que não podia explicar porque eu era muito novo e que não ia mesmo entender, isso era matéria pra anos mais tarde, que eu ia perder a fé. Mas respondi que a fé não tinha nada a ver com a Física, uma coisa era espiritual, dependia mesmo de fé, e a outra era material, dependia dos

fatos. Aí ele mandou que saísse da sala e fosse conversar com o Orientador Educacional. Confesso que não sei quase nada de Física, mas acho que ele tampouco sabia. Pois é, mas estava dizendo que as carteiras do fundo da sala eram da turma. Ali a gente fazia de tudo, contava piada, lia revistinha, jogava dama. Também, o colégio era uma *zona*. As aulas, uma chatice. Não tinha um professor, um só, que fosse só professor. Um era vendedor de frutas, outro plantador de frutas, outro advogado, outro médico, outro secretário da prefeitura, outro vereador, nessa base. Ganhavam tão pouco como professores que pra viver precisavam fazer seus biscates. Acha que professores assim iam dar aula com amor, iam vestir a camiseta, iam suar? Vai ver que eles olhavam praquela turma bem alimentada, bem-vestida, filhos de famílias tradicionais da cidade, e pensavam: Esses bestinhas que fiquem conversando, por mim que não aprendam nada, estão aqui por obrigação, nunca não vão precisar mesmo do estudo, vão crescer e o papai vai dar uma fábrica, um escritório, uma fazenda... O meu caso era diferente, mas acabei apodrecendo junto com os outros.

O blusão de listras

O pai do Paulo era engenheiro; o do Jaime, advogado; o do Ivo, médico. O meu, motorista de caminhão. Confesso que naquele tempo tinha vergonha de ser filho de caminhoneiro, ser pobre, essas coisas. Nunca não levei os meus amigos em casa porque nem dois banheiros a gente tinha. A mãe sempre dizia: Túlio, quando vais trazer os teus amigos pra tomar um chá com rosquinha de polvilho? Puxa! A minha mãe fazia um biscoito de polvilho como ninguém! Quero dizer, ainda faz, só que agora ela não capricha tanto, por causa daquela história que já contei, do pai ter ido embora de casa; bem, nem sei se é assim, se foi ele que foi embora ou ela que o mandou, mas isso não vem ao caso. Estava dizendo que os meus amigos eram filhos de gente fina. Eu era o “ovelha negra” da turma, o pobretão. Vivia de carona, mas a verdade é que não gostava nem um pouco daquilo, me sentia mal, tinha vontade de mandar a turma à merda, “se não posso pagar a entrada do baile, se não posso beber uísque, então não quero mais sair com vocês”, mas acabava saindo outra vez e os meus amigos pagando tudo pra mim. Aquilo doía no meu orgulho, mas o que é que ia fazer? Ou conservava a dignidade e ficava sozinho, isolado, ou recebia os favores e tinha amigos. Na aula era assim também: a maioria dos colegas eram ricos, vinham de carro pro colégio, nunca não molhavam os pés quando chovia, mas eu tinha uma vantagem: gostava da chuva, ainda gosto. Outra coisa muito chata é que só tinha um blusão, de listras amarelas e marrons, um troço ridículo, horrível, e no inverno era aquele pra vestir e pronto. Ou passar frio. Me chamavam de zebra, me gozavam. Dizia que era uma promessa que minha mãe fizera: que durante cinco invernos eu usaria o mesmo blusão. Ninguém não acreditava, é claro. Me gozavam ainda mais. Então, com aquela gozação toda, e com aquele sentimento de ser um estranho no mundo, me deu o estalo.

Pensei: eles, os meus amigos, os colegas de turma, as gurias, têm tudo e levam o estudo flauteado, não se dedicam. Eu não tenho nada, só um blusão idiota, mas posso ser o melhor, o mais inteligente. E então comecei a estudar, a ler, abandonei a turma, fiquei um cara sério, ria somente na hora certa; durante a aula, enquanto os outros bagunçavam, prestava atenção, me compenetrava. O pouco de dinheiro que ganhava do pai pro cinema, pras festinhas, comecei a guardar e a comprar livros e mais livros. Formei uma biblioteca, pequena, mas com livros especiais. Shakespeare, Poe, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Goethe, Oscar Wilde, Proust e outros. Nas aulas de língua nacional, quando o professor falava o nome de um autor, geralmente já o tinha lido. Bom, isso acontecia porque os meus professores sempre citavam livros clássicos, livros que vinham resumidos no *Manual do professor*. Daí, eu dava um banho de literatura e enchia os colegas de inveja, humilhava-os. Sentia prazer nisso. Passei a ser respeitado, a ser consultado. A biblioteca do colégio era grande; tinha, porém, muita porcaria, muito livro religioso, muita enciclopédia embolorada. No recreio, me enfurnava lá. Não podia comprar refrigerante e pão doce todos os dias, como os outros, por isso trazia de casa um pão de milho com melado e fazia um lanche debruçado sobre os gregos, os latinos e os tomistas da escura biblioteca. Foi o ovo de colombo da minha vida. Se tivesse nascido rico, hoje ia ter a cabeça cheia de palha, ou melhor, cheia de vento, ou, melhor ainda, vazia. Mas, por ser pobre, por não ter o que os outros tinham, passei a ter mais que os que tinham tudo. Cultura é uma forma de *status*. Isso é uma coisa que comprovei na prática. Quando, no final do ano, fui chamado na Sessão Geral e premiado como o melhor aluno do ano, minha mãe estava com os olhos cheios de lágrimas, feliz da vida, mais feliz que as mães dos meus colegas. Sabe, de propósito, fui receber o prêmio com meu blusão. E no final da sessão as gurias me cercaram. Acho que foi naquele dia que a Rosana me descobriu.

O jornalzinho

Antes de contar o meu namoro com a Rosana preciso falar um pouco sobre o jornalzinho, que eu e o Paulo tivemos a ideia de fundar. Não me lembro bem quando foi, nem como foi. Acho que estávamos lendo e ouvindo os Beatles lá na casa dele, comendo uns salgadinhos e bebendo coca-cola, quando a ideia nasceu. Sei que foi durante as férias de dezembro, tenho certeza. A primeira coisa que fizemos foi ir a uma gráfica, aliás, a única de Pau-d'Arco, e saber o preço de impressão. Saímos de lá apavorados. Custava uma babilônia! Pensamos, pensamos. Enfim, decidimos fazê-lo com a matriz a álcool. A ideia ficou hibernando, porque naquelas férias a família do Paulo me convidou pra viajar com eles pra praia. Foi uma coisa maluca, danada de interessante. Eu nunca não tinha visto o mar, e nem tanta perna de mulher reunida. Mas a primeira coisa que senti quando vi o mar não posso descrever. Acho que foi uma angústia, não sei. Olhei praquelas ondas, praquele rumor, murmúrio, sei lá, e senti uma opressão no peito, uma vontade de sair nadando em direção ao horizonte. Fiquei com essa primeira impressão do mar pra sempre. Nunca não vi o mar em dia de chuva, porque aquela vez que fui junto com a família do Paulo não choveu, é que a gente ficou apenas uma semana e deu sol todos os dias. Mas ainda hei de ver o mar com chuva. As férias passaram. No primeiro dia de aula dei de cara com a Rosana. É que aquela coisa idiota de separar os católicos dos evangélicos tinha sido abolida.

Na primeira semana de aula foi a eleição do presidente de classe. Ganhei disparado. Me deu vontade até de dizer: Sabem em quem votaram? No filho do caminhoneiro, mas não disse nada, meu pai não merecia aquilo. E também já não estava mais preocupado com isso, tinha chegado à conclusão de que os colegas faziam aquilo sem querer, não eram culpados, aquilo vinha de mais longe, acho que naquela época já tinha me

apercebido de que a culpa toda era da estrutura capitalista. E também porque foi mais ou menos nessa época que comecei a ler a Bíblia, principalmente os evangelhos, e estava impregnado da filosofia de Jesus, aquela coisa de perdoar setenta vezes sete.

Dois professores, no colégio, eram fantásticos. Um se chamava Valdir; o outro, João. Os dois eram de Português. Ambos liam romances em sala de aula, e acho que, depois do meu avô, eles foram os que mais me incentivaram a escrever, a ler, essas coisas. Um era baixinho; o outro, alto. Tenho saudade muito grande daqueles danados, e se um dia qualquer os encontrar, se tiver coragem, vou dizer: "Valeu a pena ser aluno de vocês. Me ensinaram a viver melhor, porque nos livros encontrei a vida real verdadeira". Eles iam ficar tricontentes⁴, tenho certeza, porque eu, se fosse professor, era isso que queria ouvir de um aluno. O que a gente ensina, ou aprende: nomes, datas, fórmulas, isso não tem valor nenhum, isso o tempo come; mas o que a gente ensina de vida, ou aprende, isso nunca não esquece. Ô Valdir. Ô João, se este meu livro for publicado, e se vocês lerem estas minhas memórias, saibam que tenho lembrado das aulas de vocês, das tertúlias literárias em sala de aula, do sentido profundo de vida que vocês me deram, da esperança no ser humano que vocês plantaram no meu coração.

Pois foram eles, o Valdir e o João, que mais força deram ao nosso jornalzinho. Porém eram muito democratas: deixaram que a gente escolhesse os textos, as poesias, as fofocas. Numa segunda-feira de abril saiu o primeiro número. Aconteceu, contudo, uma desgraça, uma vergonheira danada, um erro sacrossanto — como disse o professor João depois. Saiu a capa do jornalzinho assim:

⁴ Gíria gaúcha. Significa "muito contentes".

JORNAL ESPLOÇÃO ESTUDANTIL

Estava lá, em vermelho e verde, gritante, “explosão”. A verdade é que foi uma explosão de risos, de gozação. Éramos apontados como os jornalistas mais burros do planeta. O pior de tudo é que tinha sido eu o autor da façanha. Até hoje não sei como não me dei conta da furada. É que o diabo mora na mesa do revisor.

Mas o jornal pegou fama, no outro número consertamos a cagada e tocamos o barco adiante. Enquanto eu, Paulo, Jaime e Ivo andamos juntos, o jornal existiu. Depois que a gente acabou o científico, o jornal morreu.

Foi no jornal que saiu minha primeira poesia de amor, um soneto parnasiano besta que não vou transcrever pra não passar vergonha. Tinha um destinatário: Rosana. E ela entendeu, por isso o poema cumpriu sua função. Acho que poesia é isso, tem esse valor se atinge a pessoa a que está destinada, cumpre sua função. Gosto de poesia e vinho branco, mas acho que já disse isso, não disse? Depois daquele número do jornal, ela começou a sorrir pra mim. Era uma coisa muito boa aquilo. Ela tinha uns olhos de pássaro assustado, estavam sempre procurando, buscando, caíam em mim e eu me sentia um rei, sei lá. Uma coisa que escrevendo a gente não consegue manifestar. Agora que estou dando essa de escritor, que estou contando as minhas memórias, sinto o quanto as palavras são frágeis. Há sentimentos impossíveis de exprimir: o amor é um deles. Acho que o amor é a luz que entra na casa e ilumina as peças mais sombrias; é rio de águas cristalinas que sacia a sede e purifica; amor é o riso que banha a face, é o mínimo toque dos dedos, o olhar. Amor é tudo. Um homem não foge ao amor, ou não é homem. Penso assim. Aprendi com Rosana. Era amor o sorriso que ela me dava, era amor o meu pavoneamento. Outra coisa que me deixava ardendo de amor, queimando, era o jeito de andar de Rosana. Ela não caminhava, levitava. Ficava olhando pro corpo dela, acho até

que o desejando, e uma paz muito grande descia sobre mim. Aquilo era a mais pura e genuína felicidade. Podem dizer que era ingenuidade de adolescente, não faz mal. Mas era amor, e amor não se explica, a gente dá ou sente. E é bom dar e sentir. É muito bom. Confesso que desejo um mundo ingênuo, onde as pessoas se amem. Um mundo como aquele do soneto do Vinicius de Moraes: "Ah, se as pessoas se tornassem boas, cantassem loas e vivessem paz, e pelas ruas se abraçassem e duas a duas fossem ser casais".

No deserto não nascem flores

O professor de Geografia era um sujeito metido a besta. Desculpem estar falando assim dele, mas é que o cara era um desgraçado mesmo. Logo que entrei no João XXIII a turma me avisou: toma cuidado com o Fonseca. Não dei bola. Não devia nada pro cara, portanto, também não tinha nada a temer. Tudo andou bem nas primeiras semanas, até que um dia ele me mandou ler um texto sobre o solo. Não sei por que cargas-d'água, ou por feitiço, a minha língua se enrolou. E, em vez de ler *relevo*, li *revelo*. O cara se enfezou. Mandou que lesse outra vez. Li. E errei outra vez. Ele ficou vermelho de raiva, esbravejou, pulou, fez o diabo, e não consegui dizer *relevo*. Sucede que acabei levando porrada, respondi, e ele me levou pra diretoria. Aí o padre diretor, muito delicado e gentil, perguntou o que havia acontecido. O professor foi responder e o padre calou a boca dele com um gesto brusco de mão. Deixe o menino falar! — ordenou. Aí não falei. Chorei mesmo, e bastante. O padre mandou que o professor se retirasse. O professor Fonseca saiu e daí consegui falar. “Não consigo dizer *relevo*”, eu disse, mas vi que, enfim, tinha dito *relevo*. O padre riu, ri também e voltei pra sala. Mas desde aquela vez o professor de Geografia nunca mais não foi com a minha cara. A turma falava que ele era um recalçado, que tinha problemas em casa, essas coisas. Acho que era da natureza dele ser assim. Adulto quando é mau não adianta tentar mudar, é como mula empacadeira. Amor a gente planta no coração das crianças, por isso já agora, mesmo antes de casar, e nem sei se vou casar, fico me preparando pra dar muito amor pros meus filhos, que aí eles vão crescer fortes, bonitos, sadios. E vão amar também, muito.

Uma escola é uma coisa interessante, às vezes fico pensando nisso. Vejam bem: em dado momento da vida de certas pessoas elas se reúnem para passar longo tempo juntas,

estudando. São pessoas diferentes, umas ricas, outras pobres, umas com problemas e outras sem problemas. Estão ali pra estudar. Em vez de a escola propiciar um entrelaçamento, um crescimento maior como seres humanos, uma amizade duradoura, ela provoca a competição. Sei isso porque eu mesmo entrei nessa, quis ser o melhor, por orgulho, vaidade, sei lá. Mas a gente, que é criança, que é adolescente, burla essa intenção subterrânea da escola e cria amizades inesquecíveis, amizades sinceras. Foi o caso entre mim, o Paulo, o Jaime e o Ivo. Sempre quis ser médico, hoje quero ser professor. Serei um professor diferente: vou valorizar o grupo, e não indivíduos isolados; vou tentar dar-lhes uma visão de mundo mais abrangente, não quero me deter muito em fórmulas prontas. Acho que cada professor deve criar o próprio método de trabalho, porque cada aluno é diferente, e cada grupo é diferente. E, principalmente, vou ensinar aos meus alunos que ler é importante, porque nos humaniza, nos emociona, nos comove. E quem tem coragem de chorar é porque está vivo, porque pulsa, porque vibra. Quem sabe chorar também sabe explodir de alegria. O pior homem do mundo é o indiferente, porque seu coração é um deserto, e no deserto não nascem flores.

Acho que o coração do meu ex-professor de Geografia era um deserto.

Primeiros encontros

A primeira vez que peguei a mão de Rosana foi no Cine Imperial, o velho e querido Cine Imperial, na principal, aliás única, avenida de Pau-d'Arco. Antes de falar do encontro vou lembrar uns filmes que vi. Gosto muito de cinema, acho que todo tímido gosta. Era bem criança, devia ter no máximo uns nove anos, eu e Paulo íamos ao cinema. Domingo à tarde. Matiné. Como era gostoso aquilo, nossa! Antes de o filme começar, um sino badalava. A gente batia palmas. Quando o mocinho chegava pra salvar a moça e matar o bandido: mais palmas. O revólver do bandido ficava sem balas: palmas, assovios, gritinhos. Uma beleza! Eu gostava mesmo era do Carlitos. Dos olhos dele. Saía do cinema querendo ser Carlitos. Ou então o Magro. O Gordo não me emocionava, mas o Magro me enlouquecia.

Teve um filme que foi inesquecível: *Love story*. Pois foi nesse filme, romântico e sentimental, que peguei pela primeira vez a mão de Rosana. Criei coragem na metade do filme. Minha mão suave e o coração queria saltar do peito. Quando as luzes se acenderam, largamos as mãos. E durante muito tempo, na sala de aula, no recreio, andamos separados, mas cúmplices: olhava pros seus olhos e sabia que ela também estava pensando no nosso segredo, na aventura que tivemos dentro do cinema. A segunda vez que peguei a mão dela foi no jardim, em frente ao colégio. Mas a merda foi que o Jaime e o Ivo estavam na janela do terceiro andar, na última sala do corredor, viram tudo e começaram a gritar feito uns porras-loucas. A Rosana saiu correndo, e levei mais três meses para conseguir pegar a mão dela outra vez. E aí chegaram as férias e ela foi pro Rio de Janeiro, pra casa dos avós, e então, de raiva, propus uma loucura pro Paulo, e o danado topou.

A loucura era uma viagem pelo Rio Grande do Sul, pra conhecer o Estado de carona.

Arrumamos as mochilas e partimos. Minha mãe quase enlouqueceu. Disse que ia mandar a polícia atrás, essas coisas todas que as mães dizem. As mães, em geral, são umas chatas.

Eu queria ir a Porto Alegre-Tramandaí. O Paulo queria Alegrete-Uruguaiana. Fizemos cara ou coroa. Deu cara, que era o lado do Paulo. Fomos a Alegrete ver os campos, os bois, os fazendeiros e as morenas bonitas. Puxa vida! Alegrete tem morena bonita que só vendo. O Paulo se engatou numa. Eu não pude, porque estava apaixonado pela Rosana, e ela não me saía da cabeça, ficava só lembrando dos cabelos dela, da boca, do nariz, dos olhos. Da voz, principalmente, era o que mais lembrava. No meio da noite, o vento minuano chorando na campanha, ouvia a voz rouquinha da Rosana. Quando a gente está apaixonado, viajar não tem graça. Por isso, da nossa aventura toda quase não me lembro de nada. Só que dormimos na rodoviária de Uruguaiana, no chão. Peguei um bruto resfriado, mas não foi do frio, porque resfriado não vem com o frio. No outro dia, fomos a Paso de los Libres⁵. Aí é que a coisa se complicou. Na ida, conseguimos furar o cerco dos policiais, na ponte. Mas na volta deu zebra. Ficamos presos em Libres dois dias, até que o pai do Paulo chegou, esbaforido, com o olho vermelho de tanto chorar (mas ele disse que era do vento minuano porque não estava acostumado, que na região das missões tinha esse vento danado de cortante). Tudo acabou bem, como sempre acaba. A vida não é tão interessante como a literatura. Devia imaginar mil peripécias, contar a nossa fuga do presídio etc. A verdade é que ficamos num bom apartamento, vendo televisão e comendo caju, na casa do comandante. Ele foi muito legal, tentou ensinar castelhano pra gente, aprendi alguma coisa, mas o que sei de castelhano aprendi lendo o Neruda, porque leio no original, poesia perde a graça quando traduzida. Por isso, vou fazer curso de alemão e

de francês: quero ler Goethe e Proust no original. Bem, agora vou poder fazer isso, porque vou a Porto Alegre e vou ter tempo. Puxa, isso era uma coisa que só devia dizer no fim do livro, pra manter o mistério. Que mistério? Ora bolas, não tem mistério nenhum e não estou escrevendo um livro de aventura policial, não sou Agatha Christie nem nada, sou um rapaz de vinte anos que, antes de sair de sua terra, antes de abandonar a chata da sua cidade, quer deixar escritas as suas impressões sobre a infância e a adolescência porque sabe que, na cidade grande, vai mudar, vai mudar muito, e vai perder quem sabe a poesia, o romantismo, essas coisas que só podem existir numa cidade de quinze mil habitantes.

[5](#) Cidade argentina que faz fronteira com o Rio Grande do Sul.

Tentativa frustrada

Planejei durante muito tempo o primeiro beijo. Imaginei-o de mil formas, em mil circunstâncias. Calculei os detalhes, a forma de abraçar Rosana: suavemente iria pôr a mão nos seus cabelos, depois desceria pelo rosto, percorrendo o seu nariz romano, afagaria a face, enquanto isso o corpo já devia estar colado ao seu, e, enfim, sapecaria um beijo fabuloso nos seus lábios rosados.

No final da aula, fomos andando por uma estradinha de chão, um atalho providencial. Súbito, disse-lhe: Eu te amo, e investi. Puxa vida, não estava preparado para aquilo, “o infortúnio é um erro de cálculo” — diz Galileu na peça do Bertolt Brecht. Ela me deu um tapa tão violento na face direita, porque a danada era canhota, que ainda hoje tenho a cara ardida. E saiu correndo, e chorando. Fiquei plantado feito um idiota desesperado, me sentindo um verme, um maldito, sei lá. Depois daquilo dei um gelo nela. Fugia do seu olhar, evitava-a nos corredores, cheguei até a zombar dela, contar vantagem pros colegas, aquele tipo de coisa: fiz isso e aquilo, ela é uma malandra etc. Mas sofria feito um condenado. À noite, ligava o toca-discos e ficava ouvindo o Simon e Garfunkel, principalmente *The sound of silence*. Pela janela aberta podia ver a Via Láctea, o mundaréu de estrelas brilhando no céu, me sentia pequeno, pequeníssimo. Então, queria ser um astronauta, viajar pelo espaço e tempo, sei lá, ir pra Marte, namorar uma marciana linda só pra fazer ciúmes pra Rosana, visitar outros planetas, até conversar com Deus, se pudesse. Sentia no peito um sufoco danado, uma vontade imensa de chorar, de abrir o *bué*, mas não saía nada, estava tudo trancado, acho que tinha um caroço de pêssego entalado na garganta, aquela coisa desgraçada que a gente sente quando está triste e com raiva ao mesmo tempo, aquela vontade de chorar, aquele choro seco, sem lágrimas. Aí ficava relembro

tudo: o dia em que a vi pela primeira vez, na fila. O jeitinho de jogar o cabelo loiro, o gingado diferente, o olho verde, a voz. Os papos que tivemos no recreio, quando ela vinha até a biblioteca me trazer um doce, ou uma coisa qualquer. Bem, no princípio ela não trazia nada. Fingia que vinha fazer pesquisa. Pegava a *Barsa* e começava a folhear. Aí perguntava alguma coisa, um verbete, se eu sabia onde estava etc. Lembrar piora tudo, dói muito mais. E eu ficava no meu quarto lembrando, nem vontade de ler não tinha mais, nem fome, nem nada. Só uma vontade muito grande de ficar deitado. Eu tinha muita pena de mim mesmo, me achava o cara mais infeliz do mundo, que não merecia aquilo, daí ficava imaginando se morresse: Rosana ia se desesperar, bater no peito, se jogar sobre o meu cadáver pedindo perdão pelo tapa.

Os meses passaram, não consegui fugir muito tempo dos olhos de Rosana, porque eles eram um poço, ou uma fonte, onde eu caía, um redemoinho que me sugava, me puxava, e eu não era capaz de fugir, eu era um coelhinho atraído pra uma armadilha, e ela uma bruxa, uma cobra, e eu o passarinho. Era assim que sentia tudo, sempre achando que a culpada era ela; ela quem me venceu, ela quem me conquistou, essas coisas. E o que tinha planejado com tanto afinco aconteceu sem querer, por acaso, assim como a penicilina foi descoberta por acaso. Mas pra contar como se deu o nosso primeiro beijo é preciso antes narrar a excursão pras Ruínas de São Miguel, que fizemos num final de semana, a minha turma mais o professor João e o Valdir, aqueles dois companheiros!

Besos, lecho y pan

Não vou ficar descrevendo a viagem, a cor do ônibus, a cara de cada passageiro, o bigode do motorista, os risinhos bobos das gurias e as piadas sem graça dos guris, nem a chegada às Ruínas, a sensação de desolação, essas coisas. Nada disso interessa, porque estou querendo é falar do primeiro beijo correspondido, da sensação, aquela coisa que todo mundo conhece, menos quem nunca não beijou.

Convidei Rosana pra passear, ver outras coisas, que estavam todos indo pro velho cemitério pra ver as caveiras e ossos que apareciam nas tumbas. Eu não estava interessado em ver restos mortais; queria era ficar sozinho com ela. Primeiro fomos ao museu. Nunca não vi coisa mais sem graça, é que não sou muito chegado em velharias, lá dentro tinha muita gente, e eu queria era ficar com ela. Dali fomos para a igreja, a parte principal das construções, aquela que aparece em todas as fotografias das Missões. Resolvemos subir a escadaria que leva ao sino, o famoso sino que abrigava umas das maiores cobras já vistas, segundo o que ouvi, mas acho que é pura mentira, sempre que se diz que uma coisa é a maior ou a melhor pode estar certo que atrás tem uma grossa mentira. Rosana foi na frente, não porque eu estivesse com medo. Sou corajoso, acho que sou, é que nunca não enfrentei uma situação em que precisasse usar de coragem, ou ter, exceto nas brigas no campinho de futebol, mas lá não era preciso coragem, era dar o primeiro soco e pronto; a briga estava ganha. A escadaria que levava ao sino era escura, não se podia ver um palmo à frente do nariz. De repente, senti um bafo quente no rosto. Rosana tinha resvalado e viera parar nos meus braços. Aproveitei e preguei os lábios nos lábios dela. Sabe que agora escrevendo me veio uma ideia: será que ela não caiu de propósito? Era uma forma de me beijar sem dar o braço a torcer. Vai ver que foi isso, porque ela correspondeu, nossa! Se

correspondeu. Me enlaçou, apertou, quase fiquei sufocado, e se não tivesse descido, retornado para a luz, teria acontecido alguma coisa.

Não vi mais nada, nem me lembro do que a turma fez ou deixou de fazer. Sei que durante a galinhada, no almoço, Rosana não despregou os olhos dos meus. E fui sendo conquistado totalmente, havia uma chama nos seus olhos, desejo ardente, pedido de socorro, sei lá.

Consegui sentar ao seu lado, no retorno. Passei o braço no seu ombro, e ela se aninhou no meu peito. Acho, não acho, tenho certeza, que meu coração bateu mais forte. Ah, e aí minha verve de poeta se desprendeu, pela vidraça do ônibus a gente via as estrelas no céu, a lua prateando os campos de soja, as poucas árvores que ainda restam na minha região. Quando um corisco riscou o espaço, fiz um pedido, em silêncio, no mais profundo do meu coração: quero Rosana. Uma paz maior que o mundo me tomou, fiz versos ali na hora, versos bonitos. O ônibus ia rodando, os pneus cantando no asfalto. Conte pra Rosana minhas aventuras no lombo do cargueiro do pai, aquelas coisas da minha infância etc. Sentia-me homem, sei lá. Capaz de fazê-la feliz, de fazê-la mulher. É, pensei até nisso. Eu não era seu primeiro namorado, mas ela era minha primeira namorada. Eu nunca não tinha beijado ninguém, ela tinha. Foi bom assim, ela me ensinou a beijar de língua etc.

Um dia quero voltar às Ruínas de São Miguel, subir a escadinha outra vez, se possível com Rosana, ver aquilo tudo porque naquela vez não vi nada. Só vi os olhos de Rosana, o seu sorriso, a gente quando está apaixonado assim até fica bobo, parece cavalo cego.

Escrever é sofrer, também. Agora aqui neste quarto, ouvindo a máquina bater, fico triste. Triste porque a vida nem sempre é como a gente quer, nem sempre dá o que a gente deseja. Em vez de escrever, queria estar amando Rosana, possuindo-a e sendo possuído, a literatura ia perder quem sabe um grande

escritor, mas a vida ganharia um homem feliz. Bem, não que não seja feliz. Sou, mas seria mais ainda com ela ao meu lado, passando a mão no meu cabelo, murmurando no meu ouvido as doces palavras do amor, percorrendo meu corpo com sua mão macia. Íamos tomar vinho branco e ler o Neruda, faria um poema, terno e sem rima, como aquele do meu poeta chileno: *"Amo el amor que se reparte em besos, lecho y pan"*.

Saudade

Nas paredes do meu quarto há frases pichadas, por exemplo: "O inferno são os outros", Sartre. "Penso, logo existo", Descartes. "Rosana, além do vinho, bebo o veneno dos teus olhos de pássaro assustado", Túlio. "Eu te amo", "Paris nos espera". Etc. Há símbolos, arabescos, garatujas. Enquanto Ray Coniff e seus cantores executam *If you leave me now*, penso em tudo o que aconteceu. O namoro, os encontros fortuitos, rápidos, os beijos apaixonados, o riso, o carinho, o afago. Por que duas pessoas que se amam não têm o direito de permanecer juntas? Os pais são uns chatos, uns idiotas, uns mortos-vivos, insensíveis.

Um ano. Sem ver Rosana. Ela em Porto Alegre, estudando, namorando, sei lá. Nem uma carta, nem um bilhete, nada. Eles conseguiram nos separar definitivamente, aqueles pestes, desgraçados. Só porque sou pobre? Querem a filha pra bibelô?

Puxa, mas nosso namoro foi bacana, se foi! Depois do beijo nas Ruínas de São Miguel, começamos a sair pela rua de mãos dadas, a nos beijar onde desse na telha: na frente da igreja, no cinema, no jardim do colégio. Eu andava estufado de orgulho. A Rosana era a garota mais bonita nesta cidade feia, ficavam todos babando de inveja. Até que me sentia meio sem jeito, é verdade. Sempre malvestido, tinha duas calças *Lee*, uma surrada, a outra em melhor estado, umas três ou quatro camisas e o blusão fatal. Rosana vestia-se bem, sabia combinar as cores, essas coisas de vermelho e branco, verde e preto, sei lá. Eu, por mim, misturo verde e rosa, azul e lilás, que não dou muita atenção pra isso, acho mais que um homem é o que tem por dentro, o que pensa, o que sente. Posso ser feio por fora: narigudo, espinhento, seboso, mas me considero bonito por dentro. Acho que toda pessoa que ainda consegue se emocionar neste mundo violento em que a gente vive é bonita

internamente. Às vezes, fico comovido com uma música. Por exemplo, *Speak softly love* é uma frase que me deixa cheio de alegria, de emoção, sei lá. Fale baixinho de amor, ao pé do ouvido. Amor é uma coisa mansa, suave, é como o voo de uma gaivota, bem que eu queria ser uma gaivota, ou um coelhinho, pra que a Rosana tivesse vontade de alisar meu pelo, ou de contemplar meu voo. Às vezes, ser gente também é chato, é um martírio. Gente é complicada: devia ser todo mundo simples como os animais, ninguém não devia ficar inventando coisa, fazendo guerra, li uma frase uma vez, não lembro o autor, pena que não anotei, mas dizia mais ou menos que as ideias nascem doces e envelhecem ferozes. Uma coisa assim. Tantas filosofias bonitas neste mundo, mas que acabam em lutas sangrentas. Acho que o jovem devia ter uma oportunidade de mostrar que sabe fazer as coisas certas, que não precisa revoltar-se, não precisa virar guerrilheiro pra ser ouvido. A droga é que os governos da terra são senis, o poder está nas mãos dos esclerosados, dos neurastênicos. Não que não goste dos mais velhos, mas essa mania de dizer que "experiência isto", "experiência aquilo" não cola mais. A guerra no Oriente Médio⁶ é uma prova: o Khomeini está muito velho, na cabeça dele não entram mais ideias novas, o ser humano é como a árvore: depois que a seiva se petrifica não dá mais pra dobrar, porque se se tentar quebra.

O pai de Rosana é incapaz de entender que, pros jovens, dinheiro, posição social, origem, essas coisas não contam. O jovem ama, e basta. E já dizia Salomão que "é melhor um prato de salada onde há amor do que um boi assado onde há ódio".

Tenho-me perguntado: pra onde caminha a humanidade? O mundo é um barril de pólvora, e acho que o pavio já está aceso. Por isso, ou nós, jovens, fazemos alguma coisa, ou não haverá esperança. Disse isso pro pai de Rosana, quando ele separou a gente, levou-a pra Porto Alegre. Ele me respondeu: Quando você crescer, seu pirralho de bosta, vai dar graças pelo

que estou fazendo. Vocês estão enganados, amor é diferente, amor é racional, e o que vocês estão fazendo é uma brincadeira.

O pior é que a Rosana concordou em ir. Eu disse pra ela: Fica, larga tudo e vem comigo, a gente enfrenta a barra, arruma emprego e vai viver a nossa vida, fazer o nosso caminho. Tínhamos dezenove anos. Foi há um ano, mas parece um século. Saudade é uma coisa miserável, fica moendo a gente, massacrando, tudo perde a graça, acho que por isso gosto tanto de chuva, não sei.

[6](#) Referência à guerra entre Irã e Iraque (1980 a 1988).

Vinho branco

Aprendi a beber vinho branco com Rosana, domingos à tarde, quando a gente ficava namorando na sala, na casa dela. Agora não tenho bebido, que o preço anda terrível. Vinho branco e poesia. Tenho bebido a última, que também embriaga. E lembrado as músicas que ouvíamos nos longos domingos. Longos agora, naquele tempo voavam. Bebe em golinhos — ela dizia. O segredo das boas coisas está em senti-las devagar, degustando. O amor é assim também. Não ter pressa. Percorrer o corpo com paciência budista. Se tinha sexo? E não era sexo os olhares carregados de desejo? Não era sexo os beijos molhados, de língua? Não era sexo o tocar da face com a mão trêmula?

Queria ter agora, ao lado da máquina, um copo de vinho branco. Queria o corpo de Rosana, nu, sobre a cama. Não ia escrever, ou talvez escrevesse uma outra história, melhor, sem rodeios e lugares-comuns.

Não tenho vinho branco, e nem Rosana. Mas tenho a certeza de que a terei, não desisto assim tão fácil.

Devia descrever a cena ridícula em que o pai de Rosana mandou que me retirasse de sua casa etc. Não quero mexer em feridas. Foi há um ano, e não houve tragédia. Ele simplesmente exerceu seu poder de pai, de proprietário da filha, de dono de seu destino. Meteu-a no carro e levou-a pra Porto Alegre.

Fui pra casa e fiz aquela bobagem que já falei, aquela besteira de meter a gilete no pulso. Coisa de idiota. Puxa vida! Quem ia mesmo sair perdendo teria sido eu, que, morto, não ia nunca mais ver a Rosana. É que pensei apenas na minha dor, no meu sofrimento, fui um tremendo individualista, ela também estava sofrendo, aquilo não foi uma coisa justa da minha parte,

mas não é bom ficar falando disso, porque o que passou é morto, acabou.

Caminhando na chuva

Há um ano terminei o segundo grau. Ia tentar o vestibular, mas não deu, que a cidade só tem faculdade particular. Desde que o namoro terminou, e que terminei o terceiro ano, estou procurando emprego. Pau-d'Arco, além de ser uma chatice, não tem indústrias, só umas míseras lojinhas de turcos, e os bancos não estão precisando de funcionários, e a prefeitura só dá emprego pra quem é do partido, e eu não sou e nem nunca vou ser, ninguém não vai me comprar, passo fome mas não passo vergonha. A mãe costura pra fora, ganha tão pouco que mal dá pra viver. O pai está morando em Santa Catarina, às vezes manda um dinheiro, mas não gosto de pedir, tenho meu orgulho. A mãe está ficando com o olho fraco, já não consegue meter a linha no furo da agulha, muitas vezes me pede ajuda. Puxa vida! Mas um cara forte como eu não vai ficar a vida inteira enfiando linha em furo de agulha, vai? Queria ter um bom emprego, ganhar o suficiente pra dar uma vida melhor pra minha mãe, mas emprego está difícil, a gente chega nas casas comerciais e os empresários choram misérias, dizem que a economia do país está levando tudo de roldão, reclamam dos impostos, do Delfim etc. Alguém deve estar lucrando com isso, é claro. Inflação não pode ser bicho de sete cabeças. Se tudo o que existe tem causa, a inflação também tem. Por isso, fico cabreiro, não entro em conversa fiada, não dou atenção pra esses políticos que vêm na televisão enganar a gente.

Este último ano foi sofrido. Perdi a Rosana e os amigos. O Paulo passou no concurso do Banco do Brasil e foi pro Ceará, o Ivo está fazendo Direito em Passo Fundo. E eu fiquei em Pau-d'Arco, passeando pelas ruas, à noite, principalmente quando chove, pra que ninguém me veja. Durante o dia fico no quarto lendo, e agora escrevendo este livro. Li, esta semana, *Solo de clarineta*, do Érico Veríssimo. E me decidi: vou a Porto Alegre, porque se ficar aqui nunca não vou poder dizer que tentei, que

quebrei a cara, ou que venci. Li muito a Bíblia e acho que aquilo que Deus disse pra Abraão: "Sai da sua terra", também pode servir pra mim.

Há pouco fechei os olhos e me transportei mentalmente: me vi caminhando na chuva, numa cidade estranha, num país distante, acho que a França, Paris, e ao meu lado Rosana, com o cabelo escorrido, sorrindo, cantando. Num segundo passou pela minha cabeça uma vida inteira, um amor intenso, completo. Uma gota de chuva escorreu do nariz de Rosana, aproximei-me e beijei-a. Foi um beijo longo, uma entrega completa, temos todo o tempo do mundo para a nossa festa de amor, eu disse. Havia um jardim florido e um lindo gramado. As poucas pessoas que andavam pela rua estavam apressadas e não queriam saber de nós dois, por isso fomos deitando no gramado e nos amamos como dois animais, na chuva, no crepúsculo, sem medo, sem ninguém pra nos censurar.

Abri os olhos e ouvi o barulho gostoso da chuva contra a vidraça, e concluí que vale a pena lutar pelo nosso amor, ninguém não pode nos impedir, teu pai não é o dono do mundo, eu te amo e isso não pode acabar assim, a pior coisa é um amor que não se realiza, que fica em eterna expectativa, esperar é morrer lentamente. Vou tomar o primeiro ônibus, ou carona, a Porto Alegre e te procurar. Trabalho encontrarei: tenho força e boa cabeça, e se der faço uma faculdade. Rosana: Paris nos espera, amor nos espera!

Agora vou parar de escrever, a chuva me convida a sair, a cidade está morta, mergulhada em silêncio, não há um carro nas ruas, nem um cão, nem uma pessoa. Até o momento em que romper a aurora, até o instante em que o sol explodir anunciando minha nova vida, e um novo tempo, vou ficar caminhando na chuva.

Pau-d'Arco, agosto de 1982.

A leitura em *Caminhando na chuva*, de Charles Kiefer^Z

Sissa Jacoby

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido.

Na leitura, a amizade é de repente levada à sua pureza primitiva. Com livros, não há amabilidade. Esses amigos, se passamos a noite com eles, será porque realmente temos vontade de fazê-lo. Não os deixamos, pelo menos estes, senão com remorso. A atmosfera pura dessa amizade é o silêncio, mais puro que a palavra.

Marcel Proust, *Sobre a leitura*

Os livros que alguém leu ajudaram a compor a sua personalidade, não ajudaram? Acho que o homem é um amontoado de leituras, de músicas, de pinturas e de genes. Penso que o meio influencia a formação da personalidade, não influencia? (p.13)

^Z Este texto foi publicado originalmente na revista *Leitura, Teoria & Prática*, Campinas: Mercado Aberto, v. 11, n. 19, p.76-83, jun. 1992.

Em meio a essas reflexões, que joga ao leitor em forma de perguntas, Túlio Schüster, o narrador de *Caminhando na chuva*, encerra o primeiro dos vinte e dois breves capítulos que compõem a novela, e no qual ele se apresenta e fala de suas intenções. Estas ficam claras desde o início, quando ele diz que não pretende escrever um romance de aventuras, mas sim contar a própria vida, numa tentativa de recuperar a “infância que se foi e a adolescência” que nem viu passar.

Escrevendo, aos vinte anos, em Pau-d’Arco, uma cidadezinha do interior do Rio Grande de Sul, Túlio realiza uma espécie de inventário da sua vida, não porque acredite ter muito a contar, mas porque sabe que está numa fase-limite, fase em que vai romper com quase tudo, amigos, família, cidade e, principalmente, com o Túlio-adolescente. Decidido a deixar Pau-d’Arco, ele vai em busca de dois objetivos: vencer na cidade grande — onde pretende trabalhar e, “se der”, fazer uma faculdade — e procurar Rosana, a namorada, mandada a Porto Alegre pelo pai, que não concorda com o namoro dos dois, pois, além de ser um “pirralho de bosta”, Túlio é pobre. Pelo que move Túlio, aparentemente — o amor de Rosana, proibido pelos pais —, *Caminhando na chuva* poderia ser uma novela de amor como tantas outras. Mas não é. Paralelamente, ou antes de ser uma história de amor adolescente, é uma novela de amor à leitura e à literatura. E isso pode ser comprovado, da primeira à última página, pelas constantes referências, que aparecem de forma variada, seja na menção direta a títulos de livros (*Dom Quixote*, *Solo de clarineta*), a autores (Goethe, Shakespeare, Flaubert, Poe, Proust, Machado de Assis), a personagens (Ana Terra, Basílio), a estilos (“Gosto muito do Graciliano Ramos, daquelas frases secas, precisas, sem florilégios.”), a conteúdos (“não quero repetir aquela história do Domingos Pellegrini Jr., *O encalhe dos trezentos*”), nas citações de versos de poemas (“Ah, se as pessoas se tornassem boas, cantassem loas, e vivessem paz, e pelas ruas se abraçassem nuas e duas a duas fossem ser casais.”), na

homenagem prestada no título de algum capítulo (“O primo Basílio”, “Rosana que Porto Alegre comeu”), seja nas reflexões e referências à leitura e à literatura, que pontilham toda a narrativa.

Túlio não sofre o problema da diferença de classe social apenas no romance com Rosana; também na escola particular onde estuda, e onde a maioria pertence a uma classe social de nível superior à sua, ele é discriminado por ser o pobretão, que usa sempre o mesmo blusão de listras. O pai é caminhoneiro, mora em Santa Catarina, separado da mãe — costureira —, que luta com dificuldade para manter-se e ao filho. A saída que Túlio encontra para sobreviver nesse meio é o saber.

Eu não tenho nada, só um blusão idiota, mas posso ser o melhor, o mais inteligente. E então comecei a estudar, a ler, abandonei a turma, fiquei um cara sério, ria somente na hora certa; durante a aula, enquanto os outros bagunçavam, prestava atenção, me compenetrava. O pouco de dinheiro que ganhava do pai [...] comecei a guardar e a comprar livros e mais livros. (p. 80-1)

Túlio se vale conscientemente da leitura como arma, única maneira de que dispõe para conseguir respeito e popularidade:

Nas aulas de língua nacional, quando o professor falava o nome de um autor, geralmente já o tinha lido. [...] Daí, eu dava um banho de literatura e enchia os colegas de inveja, humilhava-os. Sentia prazer nisso. Passei a ser respeitado, a ser consultado. A biblioteca do colégio era grande [...]. No recreio, me enfurnava lá. [...] Cultura é uma forma de *status*. Isso é uma coisa que comprovei na prática. Quando, no final do ano, fui chamado na Sessão Geral e premiado como o melhor aluno do ano [...] Sabe, de propósito fui receber o prêmio com meu blusão. E no final da sessão as gurias me cercaram. Acho que foi naquele dia que Rosana me descobriu. (p. 81-2)

Mas não é só isso que o leva a debruçar-se “sobre os gregos, os latinos e os tomistas da escura biblioteca”. Há uma influência mais antiga, que é a do avô, suas histórias e aventuras, que Túlio ouvia desde pequeno, e a quem atribui também a “mania de escrever”. Essa mania, mais do que o inventário da infância e adolescência, é o que move Túlio, por mais que ele procure mascarar isso.

Durante a narrativa, Túlio afirma reiteradamente que não pretende fazer literatura, que quer apenas contar a sua história, “ser fiel, honesto”, o que implica, para ele, narrar estritamente o vivido, sem “inventar histórias com inúmeros detalhes”, pois isso já seria “fazer literatura”. Nesse aspecto, lembra o narrador não confiável de Wayne Booth, mentindo dupla e descaradamente a si próprio e ao leitor. À medida que escreve e se organiza mental e textualmente, Túlio entra em contradição seguidas vezes e se dá conta disso em algumas, quando se flagra, ele mesmo, avaliando a qualidade de sua escrita:

Vou, com certeza, engavetar o trabalho, e daqui a dez anos chegarei à conclusão de que o que escrevi não tem valor literário nenhum. Mas, porra! Não estou procurando fazer literatura. Quero apenas me livrar dos fantasmas que me assolam, que não me deixam dormir. Espero escrever este e parar, assim como um estivador carrega o seu saco, larga-o na pilha e respira aliviado. Puxa! Mas o estivador volta a carregar outro saco, e assim a vida inteira.” (p. 45)

Por outro lado, já no início o texto — quando procura se explicar ao leitor, alertando para as várias formas de narrar, a escolha do tipo de narração, o fato de primeiro tentar se “esconder atrás de um narrador onisciente”, de ter um estilo próprio —, seu discurso denuncia conhecimentos não de um leitor comum, mas de alguém mais atento, com leituras dirigidas e intenções idem. E denuncia também que ele sabe que seu discurso é contraditório, intencionalmente, para dar

verossimilhança ao texto, para tornar verossímil a si próprio, consciente de sua existência fictícia, jogando com o leitor:

É que, pra dizer a verdade, não acredito na história, muito menos nos historiadores. Alguém vai dizer que me traí, que no momento em que estou narrando, contando a minha vida, estou fazendo história. Concordo. Mas em algum momento afirmei que acreditava em mim mesmo? (p. 46)

A desorganização inicial, em que o narrador se confessa confuso e titubeante, ao inverter ou antecipar informações ou mudar o rumo do pensamento,

Droga! Mas isso é um comentário que devia fazer mais adiante... (p. 13)

Mas estava mesmo era falando da minha cidade. Quero dizer, pretendia falar dela... (p. 15)

Fiquei pensando no que escreveria neste parágrafo. Acabei relendo o que escrevi e cheguei à conclusão de que andei dizendo bobagem. (p. 16)

vai se modificando aos poucos, e isso é evidenciado de duas formas em "Pelas estradas do Brasil". De maneira explícita, quando ele diz "Percebo que minha forma de narrar está ficando diferente" — e discorre sobre o fazer literário, lembrando Flaubert e dando uma visão de literatura como "trabalho paciente" e "elaboração obstinada" (p. 57) —, e de maneira implícita, pela organização temporal do capítulo, ao relatar a viagem de caminhão com a mãe e o pai — o episódio do encalhe. A analepse, marcada graficamente pelo parêntese, remete o leitor para o espaço e o tempo da viagem, mas se mistura com o espaço e o tempo da escrita, com os comentários do narrador, numa espécie de catarse, que inclui sonho, recordação e devaneio (p. 64-8). No final do capítulo, após o parêntese, o jogo autor-narrador-leitor continua com o recado a Domingos Pellegrini Jr., numa ponte com a afirmação anterior (p. 66): "Esta não é uma história inventada".

A partir daí, o que se tem é um texto mais decidido, mais coeso e objetivo. A modificação se deu através da viagem, nos dois sentidos: a “viagem” de volta no tempo e a “viagem”, propriamente, do episódio revivido e relatado. Como naquela ocasião em que o pai o deixou tomando conta da mãe, no meio da estrada, à noite (“Tenho medo e a responsabilidade é grande demais e eu sou um menino. O dia vai rompendo...”), agora também ele atravessa uma situação-limite: precisa assumir o adulto. É por isso que tudo se junta e se mistura. O menino vai cedendo lugar ao homem. O que se efetivará com a decisão final de ir embora no primeiro ônibus, sem mais demora. Exorcizados os fantasmas, nos onze capítulos finais (a transição se dá exatamente no meio da narrativa), o que se tem é um narrador mais seguro, mais adulto, que fala do amor por Rosana, das barreiras sociais, do curso secundário, no colégio João XXIII, dos amigos, dos professores, dos problemas do ensino, dos reflexos da depressão da década de 70, do poder modificador do dinheiro, da cidade grande.

A visão da leitura apresentada é sempre positiva:

... amor, namoro, casamento também são fatos políticos. Eu e Rosana discutíamos muito essas coisas, *ela tinha a cabeça muito aberta, lia muito*, [...] quando falava dizia a coisa certa, exata. (p. 71)

... o que sei de castelhano aprendi lendo o Neruda... (p. 95)

E, principalmente, vou ensinar aos meus alunos que ler é importante, porque nos humaniza, nos emociona, nos comove. (p. 91)

Vinho branco e poesia. Tenho bebido a última, que também embriaga. (p. 109)

O narrador, por vezes, radicaliza certas posições, atitude que pode ser creditada à sua imaturidade e ingenuidade de adulto-adolescente e que pode ser relativizada pelo leitor nas

contradições em que (ele, narrador) acaba incorrendo. No capítulo "O blusão de listras", ele radicaliza ao generalizar:

Se tivesse nascido rico, hoje ia ter a cabeça cheia de palha, ou melhor, cheia de vento, ou, melhor ainda, vazia. Mas, por ser pobre, por não ter o que os outros tinham, passei a ter mais que os que tinham tudo. (p. 81)

Mas, dois capítulos antes (v. citação anterior da p. 71), ele diz que Rosana tem a cabeça muito aberta, que lê muito. E Rosana pode ser enquadrada no que se chama de "rico".

No capítulo "O jornalzinho", Túlio fala de dois professores "fantásticos", ambos de Português, que liam romances em sala de aula, e os quais, depois do avô, foram os que mais o incentivaram a escrever e a ler. Dedicava meia página (p. 84-5) de elogios e agradecimentos aos dois, às aulas e tertúlias literárias. Mas tudo isso entra em contradição com o que ele insinua no capítulo anterior, "O blusão de listras":

Nas aulas de língua nacional, quando o professor falava o nome de um autor, geralmente já [ele, narrador] o tinha lido. Bom, isso acontecia porque *os meus professores sempre citavam livros clássicos, livros que vinham resumidos no Manual do professor.* (p. 81, grifo meu)

Ora, nessa passagem fica clara a ideia de que os professores se baseavam em resumos, apoiados nos conteúdos prontos dos manuais e não no conhecimento e na leitura extensiva. Ainda se referindo aos professores, não constituindo contradição, mas inversão, a escorregadela ocorre quando o narrador critica a chatice das aulas devido à má qualificação dos professores, decorrente da sua não valorização:

Não tinha um professor, um só, que fosse só professor. Um era vendedor de frutas, outro plantador de frutas, outro *advogado*, outro *médico*, outro secretário da prefeitura, outro vereador, nessa base. *Ganhavam tão pouco como professores que pra viver precisavam fazer seus biscates.* Acha que

professores assim iam dar aula com amor, iam vestir a camiseta, iam suar? (p. 77-8, grifo meu)

É clara, também, a inversão. Profissões liberais nunca serviram de biscoito para o magistério. Mas o contrário, sim (apesar de que, nos dias de hoje, isso deve ser cada vez mais difícil!), muito advogado acabava dando aula, ou para complementar o orçamento, ou porque não conseguia colocação dentro da sua profissão.

A crítica à escola, que Kiefer realiza no capítulo “No deserto não nascem flores” (“Uma escola é uma coisa interessante, às vezes fico pensando nisso.”, p. 90), apresenta Túlio, ex-aluno desencantado, como produto de um tipo de ensino vigente no período da ditadura dos anos 1960-1970. Ainda assim, é capaz de relativizar, fazendo comparecer na narrativa bons e maus professores (relapso e bitolado como o de Física; autoritário e radical como o de Geografia; “alguns muito bons”, que o “ensinaram a viver”, como os dois de Português), mostrando que nem tudo está perdido e que ainda existem algumas portas abertas. Principalmente quando ainda existem Túlios projetando um ideal de professor no qual desejam se transformar:

Sempre quis ser médico, hoje quero ser professor. Serei um professor diferente: vou valorizar o grupo, e não indivíduos isolados; vou tentar dar-lhes uma visão de mundo mais abrangente, não quero me deter em fórmulas prontas. Acho que cada professor deve criar o próprio método de trabalho, porque cada aluno é diferente, e cada grupo é diferente. (p. 91)

Utilizando a forma de memorial, que Deonísio da Silva chama, no texto “O memorial adolescente”, Charles Kiefer constrói uma narrativa autobiográfica, em que o narrador-personagem central escreve sua própria história, pois procura, ao narrar, entender-se e entender o mundo que o cerca — aquele que vai deixar, terminada a tarefa — e aquele em que

vai ingressar — o mundo adulto. Daí o envolvimento do narrador-autor com os fatos narrados, dos quais, por ser o protagonista, não está tão distanciado no tempo, pois, além de ter apenas vinte anos, metade das recordações se reporta aos últimos sete de sua existência até então, aqueles da escolaridade no colégio João XXIII. O recurso utilizado por Kiefer para diminuir esse envolvimento do narrador é o diálogo com o leitor à medida que as reflexões vão sendo feitas. Convocando o leitor a refletir com ele sobre os fatos que vai relatando (Túlio dá a sua opinião, mas busca constantemente a participação do leitor, através de perguntas ou de contradições, que abrem espaços a serem preenchidos), o narrador procura diminuir a subjetividade da relação narrador/objeto narrado.

Acabei relendo o que já escrevi e cheguei à conclusão de que andei dizendo bobagem. (p. 16)

Optando pela oralidade, Kiefer dá verossimilhança à imaturidade do Túlio-narrador, também justificada por algumas passagens que, além de explicativas, traduzem uma crítica à visão do ensino da língua e do poder que o uso culto representa:

Desculpem, minha cabeça está uma confusão dos diabos, é a primeira vez que tento escrever um livro; ainda se fosse bom em português seria mais fácil, acontece que sempre fui muito preguiçoso. Apesar de ler bastante e tal, nunca dei atenção pra gramática, sintaxe, essas coisas. Achava pura perda de tempo. Dizer a verdade: ainda acho, mas reconheço a serventia. Escrever correto é bonito, e dá *status*. (p. 53-4)

Num tom de bate-papo informal, Túlio dirige-se a um "leitor virtual" a quem faz perguntas ("O que é que está faltando?", p. 18); emite respostas a perguntas imaginárias ("Por que prefiro caminhar quando chove?", p. 18); pede concordância ("Fica mais apaixonante, mais gostoso de ler, não é?", p. 58); pede desculpas, às vezes, pelo termo utilizado ("Desculpem estar falando assim dele", p. 89). O leitor é convocado o tempo

inteiro a participar das reflexões do narrador e a buscar suas próprias respostas.

O narrador tem consciência do papel do leitor na produção de significado, quando diz “Acontece que precisava falar um pouco do meu avô e avó, *para localizar o leitor*” (p. 25, grifo meu). Manter os olhos sempre no leitor é um conselho antigo e constitui uma técnica, como disse Ford Madox Ford, citado por Iser, em *The implied reader*. O narrador de Kiefer faz isso todo o tempo, não perdendo o leitor de vista. E, dentro desse espírito, um trunfo vai sendo guardado para o final, mantendo o leitor em expectativa — já que Túlio não se propõe escrever nem romance de aventura nem romance policial —, enquanto anunciado constantemente desde os capítulos iniciais: a história de amor com Rosana:

Sobre a Rosana vou falar daqui a pouco, é que preciso estar bem romântico para falar dela... (p. 57)

Antes de contar o meu namoro com a Rosana, preciso falar um pouco sobre o jornalzinho... (p. 83)

Túlio e sua escrita, como ele diz no início, são fruto, entre outras coisas, de suas leituras. Não tivesse lido o que leu, e da forma que leu, ele não poderia, aos vinte anos, recém-saído de uma escola de segundo grau de interior, escrever o que escreveu. Esta é, em síntese, a visão de leitura, que Kiefer transmite ao leitor, em *Caminhando na chuva*. Muito mais do que a frase irônica de Túlio, “Cultura é uma forma de *status*”, ele sabe que a leitura instrumentaliza o raciocínio, habilita para o autoconhecimento e o conhecimento do mundo, humaniza e liberta, podendo, além de tudo isso, ser uma fonte de prazer. E quem lê sabe, como Túlio, que a leitura pode proporcionar não apenas um, mas diferentes tipos de prazer: aquele puro e simples voltado para o episódico, aquele da construção de novos significados, da vivência de uma experiência nova e alheia, sem os compromissos e inconvenientes da vida real, da

descoberta do próprio eu no reflexo da vida de uma personagem, enfim, as mais variadas formas de gratificação.

Visando, em especial, ao adolescente que se identifica tanto com a linguagem da personagem quanto com os tipos de problemas abordados, *Caminhando na chuva* não se restringe unicamente ao mundo desse leitor. Como escreveu Arnaldo Campos, para a orelha da segunda edição da obra (1983), a novela de Kiefer "agrada tanto aos adolescentes como aos adultos. Deleita desde o leitor que recorre à literatura como passatempo até aquele que, já iniciado, quer obras densas. Satisfaz o crítico, ávido por obras definitivas".

Referências

ISER, Wolfgang. *The implied reader*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1974. p. 101.

KIEFER, Charles. *Caminhando na chuva*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

O memorial adolescente de Charles Kiefer⁸

Deonísio da Silva

*O homem será antes de mais nada o que
tiver projetado ser.*

Jean-Paul Sartre

Os anos de 1970, marcados pela dominação norte-americana nos circuitos entendidos como culturais e pela execrável atuação predatória das censuras diversas que vingaram sob a égide do AI-5 (Ato Institucional Número 5, baixado pela ditadura militar pós-1964), foram palco de um acontecimento singular: num país de gargantas punidas, de escasso público leitor, nunca tantos escreveram para tão poucos.

Do Oiapoque a “Ijuí”, numerosos ficcionistas emergiram com textos inusitados e registraram a vida brasileira do período, resgatando usos e costumes banidos em outros discursos. Inventaram também novos modos de narrar, à procura de temas interditados e tidos por inconvenientes, como as sexualidades consideradas ilegítimas e as críticas aos poderes constituídos. A Família, a Igreja, a Escola e o Estado foram submetidos a outros olhares.

Essa nova geração de escritores produziu não somente novas histórias, como também uma nova linguagem e um novo público. Preocupados em ser legíveis, os ficcionistas dos anos de 1970, se fizeram concessões às formas literárias tradicionais, retomando o episódio naturalista, não tergiversaram quanto aos temas. Produzindo seus textos sob diversas censuras (a da Família, a da Escola, a da Igreja, a da opinião pública das pequenas cidades onde moravam), eles contaram apenas com o novo público leitor que produziam como aliado. O critério do sucesso para o recado que traziam era, preferencialmente, o da aceitação de seus livros.

Assistiu-se, então, a fenômeno curioso. As formas curtas atingiram seu esplendor quando tudo ao redor reclamava narrativas mais longas, do tipo dos romances de Erico Verissimo, Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos, Adelaide Carraro e outros; ou das novelas da televisão, espichadas de capítulo em capítulo até o limite do Ibope.

Não se sabe ainda quais as razões da opção pelas narrativas curtas, sobretudo pelo conto, eleito pelos ficcionistas surgidos nos anos de 1970 como forma preferencial. Não há ainda um estudo exaustivo que tenha examinado a questão em profundidade. O inventário melhor de que se dispõe até o presente (1982) é o de Antonio Hohlfeldt, que, em *Conto Brasileiro Contemporâneo* (Editora Mercado Aberto), fez o melhor painel acerca dos que escreveram contos, do que escreveram e de como foram recebidos pela crítica e pelo público. De todo modo, se pode dizer que escreveram contos alguns jornalistas que, sob censura rigorosa nos jornais, nas revistas, nos rádios e nas televisões, não conseguiam manifestar-se e que a alternativa da ficção era para eles o único meio à disposição para safarem-se às proibições. Escreveram contos os professores que, sob o AI-5 e seus nefastos filhos e enteados, sentiam-se asfixiados na sala de aula e não conseguiam desvelar a seus alunos a dimensão exata da tragédia que desabava sobre os brasileiros, principalmente sobre os mais jovens, grande maioria da nação, submetidos a uma administração gerontológica que começava desprezando-os em suas próprias casas, nas escolas, onde aprendiam as primeiras letras, e no Estado, que não confiava neles de jeito nenhum, pois lhes negava direitos básicos da cidadania, como, por exemplo (e para citar somente um dos direitos que lhes foram surrupiados), o de eleger seus governantes.

Vítimas de um abuso estatístico, os jovens dos anos de 1970 nasciam sem escolher os pais; eram alfabetizados (quando o foram) por professores que não elegeram, num tipo de escola

que abominavam e em cujas estruturas não podiam mexer por força dos Decretos 477, 228 e outros, secretos, inovação totalitária que nem o Estado Novo ousara admitir. Que não escolhessem a família que os recebia, não há nada que admirar. O modelo familiar brasileiro mais em voga, segundo um despuadorado historiador de nossos costumes, era ainda o tríduo Pai Tirano, Mãe Submissa, Filhos Apavorados. Mas, além de tudo, não podiam propor alteração nenhuma, por reles que fosse; do contrário seriam tomados como perigosos subversivos. Aos solavancos da História e das migrações internas, os que chegavam ao ensino médio e à Universidade descobriam curiosa inversão sintática no que concernia a eles: o oficialismo governamental chamava-os de estudantes que trabalhavam, mas eles, mais do que ninguém, sabiam que eram trabalhadores que estudavam, pois dedicavam a maior parte de seu tempo labutando num emprego cujos rendimentos eram destinados ao pagamento de seus estudos. Os que adoleciam na década de 1970 estavam marcados, nesse particular, por trágico destino: frequentavam uma escola autoritária, ineficiente e cara. Desamparados por quase todas as instituições – justiça seja feita, a única que deu alguma atenção ao jovem e a outras minorias foi a Igreja –, não se podia esperar que os ficcionistas que emergiam nessa faixa etária, tratada como *faixa otária* pelo Estado e pelas empresas que os exploravam ao máximo (afinal, quando o jovem não foi a força de trabalho preferida? Não estão aí os classificados de emprego que excluem a quem tem mais de 40 anos e, às vezes, até quem tem mais de 30?), fossem generosos com o retrato das instituições que tão cruelmente os flagelavam.

Por uma dessas ironias costumeiras da História do Brasil, os que têm menos de 30 anos continuam a exercer estranho privilégio: são os primeiros escolhidos para trabalhar e para não votar. Ofereciam-nos muito trabalho e pouco voto, e no alvorecer dos anos de 1980 aumentaram um pouquinho a

oferta de voto e surrupiaram-nos várias oportunidades de trabalho.

Todo esse quadro que acabo de dar como referência é para situar o lugar de Charles Kiefer na ficção nos anos de 1970. Sua novela é autobiográfica no melhor sentido do termo. Pois é parcela significativa da biografia de uma geração posta à margem. Notem que Túlio, o personagem narrador, premido por várias dificuldades, impasses e conflitos, não encontra alternativa na pequena cidade onde mora. Nenhuma instituição tenta entendê-lo ou ampará-lo. Ele é carente de quase tudo, inclusive de afeto. Rosana, sua namorada, a princípio não entende isso. Somente uma aprendizagem amorosa a levará a ver, ainda que desjeitosa e anarquicamente, que a carência, no caso, é mútua.

Quando Rosana começa a compreender o namorado, que leva grande vantagem sobre ela no exame do mundo que os envolve porque ele lê, e lê muito e bem, Túlio estará tráfegando por outros caminhos, os caminhos cruzados, pois o leitor de Erico Verissimo não ignora que os caminhos são invariavelmente cruzados e que toda escolha é o corte de muitas outras alternativas. Túlio lê muita ficção. E a ficção o salva, na medida em que lhe possibilita inventar também a sua história.

Não a pode inventar, porém, na cidade onde mora. Parte, como "Abraão", para outra cidade, atraído pelo falso fascínio da metrópole. A Porto Alegre dos anos de 1970 aparece-lhe como a alternativa mais à mão para romper o círculo vicioso em que se enredou. Não sabemos o que acontece com ele na cidade grande, porque o limite da novela é exatamente o memorial da despedida. Sua narrativa confina-se ao exame dos 20 anos passados na pequena cidade de Pau D'arco, que o viu crescer, tomar a primeira chuva, apaixonar-se do primeiro e melhor amor, assistindo às primeiras decepções e levando-o também a antever o futuro que o aguarda. O pai, sofrendo como

caminhoneiro ao trilhar estradas mal cuidadas (como se sabe, o mesmo poder que não dá escola não dá também boas estradas), apesar de visto por Túlio numa névoa meio poética e ingênua, é a imagem mais adequada para seu futuro. E o futuro, como Túlio pode comprovar quando o caminhão do pai atola no peludo, está no barro, no sofrimento, nas mãos sujas de terra e mal remuneradas. E também numa falta de amor, misturada a muitas outras carências de que padecem pai, mãe, parentes e vizinhos.

Quem é Túlio? Um jovem de 20 anos que faz reflexões precoces para a sua idade, principalmente pela forma escolhida, a da ficção. É surpreendente que esse personagem, vítima de vários autoritarismos e incompreensões, tenha tal poder de expressão e consiga manifestar-se através de avatares ficcionais que, se não mostram as qualidades de um memorialista famoso em nossas letras, o Paulo Honório das reflexões tardias de *São Bernardo*, engendrado pelo escorreito Graciliano Ramos, apresenta, contudo, sintomas de bom prosador. Os Schüster têm em Túlio um filho talentoso que ouve Simon & Garfunkel e outros sons que lhe foram impostos pela modernização do Brasil, que levou a indústria cultural a alcançar o fundo do país, estereotipando gostos e deformando hábitos mais sadios. Mas o que nem a indústria cultural, nem os Schüster puderam conter foi a fome de leitura que levou o moço a ler Machado de Assis, Brecht, Proust, Flaubert, Goethe, Graciliano Ramos, Edgar A. Poe, Oscar Wilde e outros.

O índice de leitura, tão baixo entre os colegas e os professores de Túlio, funciona para ele como poderoso instrumento de reflexão. Ajuda-o a romper as concepções estreitas que estão na raiz das normas que regem, quase sempre hierarquicamente (isto é, sem que haja a prática da discussão das ordens e dos planos), as instituições que atravancam o seu caminho.

Túlio é personagem que antecipa uma calmaria para depois da tragédia. Não se sabe o que será dele na Porto Alegre que o fez gravitar em torno dela e o recolheu como solitário corpo terrestre perdido no espaço etéreo em que os destinos costumam ser definidos. Mas, dado o seu estofo cultural, a sua capacidade de resistência, a sua força na hora da desgraça, a sua coragem de usar um blusão só, de recusar os favores suspeitos em festas e outros arranjos para não “perder a dignidade”, mesmo à custa de “ficar sozinho”, dado, pois, tudo isso, é certo que se pode esperar que leve adiante seu projeto original: o de recusar-se à padronização geral que produz gente assim como um tipo de sorvete ou picolé. Sua arma de libertação é a leitura, que faz com que entenda o mundo que o cerca e as pessoas que o rodeiam com um olhar armado, capaz de revelar-lhe identificações e percursos encobertos à maioria dos outros olhares.

Não nos enganemos, porém. A saída de uma crise coletiva não está no poder de um homem só. A de Túlio é a edificante narrativa da exceção; e o fato de ser um homem que lê e pensa, rodeado de muitos analfabetos e alfabetizados que não leem nada, torna-o ainda mais infeliz que os demais. É evidente, porém, que ainda assim é muito mais digna, porque mais coerente com a condição humana, a sua consciência infeliz do que a inconsciência dos outros, ainda que esta seja feliz. Marginalizado como os demais colegas de geração, Túlio tem o privilégio de ter uma marginalidade a menos, traço distintivo que o eleva acima da condição dos demais: ele não está à margem da Galáxia de Gutenberg. Pode, pois, exercer sua cidadania com maior competência. A prova maior é o texto que produz, além daqueles que lê. Com efeito, através desses dois expedientes, ele exercita a capacidade fundamental do homem que, em última instância, o diferencia dos bichos: ele pensa.

Outra marca desta novela de Charles Kiefer é ser narrada por um estudante do ensino médio. É admirável que, do ponto de

vista da verossimilhança literária, um trabalhador que estuda consiga manifestar-se com esses recursos criadores e domine em boa *performance* a chamada linguagem ficcional. Pois, ao que se sabe, a elite da escola secundária chega à Universidade sem saber escrever sequer uma nota de falecimento na chamada língua culta. As redações do vestibular não estão aí a mostrar os traumas de que são vítimas, todos os anos, os que pleiteiam uma vaga na Universidade?

Com mais acertos que percalços, Charles Kiefer, em *Caminhando na Chuva*, mostra mais uma vez, desta feita por meio de uma editora de circulação nacional, que talento não lhe falta e que, no alvorecer dos anos de 1980, marcados por conquistas coletivas que possibilitaram o acesso de um moço de 20 anos aos mercados culturais do livro, é possível ver que o país mudou; que a palavra, ferramenta de trabalho do escritor, não é mais vista como anátema; que a palavra, principal recurso no exercício da cidadania, está sendo arrebatada por uma nova geração, que a está utilizando para romper o pesado silêncio que lhe foi imposto; que a esta nova geração são oferecidos outros caminhos que não aqueles projetos pouco saudáveis que lhe foram apresentados como vias de mão única, como a alienação e a admiração embasbacada dos modelos de gente impostos pela indústria cultural, sobretudo através dos estereótipos apresentados na televisão.

Que Charles Kiefer escreva mais! Que outros escrevam! Pois ainda é factual e tragicamente verdadeiro o achado genial de Carlos Nejar de que somos poucos. Poucos são os que escrevem, poucos são os que leem. E é preciso entender que esse sintoma não está desvinculado daqueles outros que indicam uma sociedade na qual poucos são os que mandam, poucos são os que votam, poucos são os que comem, poucos são os que estudam, poucos são os que conseguem viver, com um mínimo de dignidade, a condição humana.

Charles Kiefer, com sua prosa de boa qualidade, ingressa num grupo de escritores gaúchos abraçados a um projeto comum, que é o de dar outra versão da História. A arte literária dá conta de um pedaço da realidade que nenhum outro discurso abrange. Certamente por isso é que a colonização alemã e os totalitarismos que vingaram no Sul do Brasil estão melhor narrados na prosa de ficção de Josué Guimarães; que as vicissitudes da contribuição judaica, de traços tão marcantes, estão sendo reveladas em todo o seu esplendor pelo talento, amplamente reconhecido, de Moacyr Scliar; que as mitologias do gaúcho eterno boa-vida, fagueiro e sempre a cavalo estão sendo diluídas, há muito, por um paciente retificador do mito, Cyro Martins, que surpreendeu os que gostavam de lendas ao fazer aparecer, abruptamente, a figura inusitada do gaúcho a pé, sem cavalo e sem discurso; que a geração abandonada estava completamente dada por perdida quando elaborava outros meios de organizar a resistência, o inconformismo e outros modos de viver e amar, tal como nos tem ensinado Caio Fernando Abreu em textos de alta qualidade. Muitos outros ficcionistas, como Assis Brasil, Dyonélio Machado etc. poderão auxiliar Charles Kiefer com roteiros e indicadores do que é possível fazer. Mas é certo que ele tem talento para inventar o seu próprio caminho, ainda que não ignore que encontrará tantas dificuldades como as que afligiram e afligem seus companheiros de ofício.

Deonísio da Silva

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro,

dezembro de 2011

[8](#) Este prefácio foi escrito em 1982, quando da primeira edição de Caminhando na Chuva. Filho feio não tem pai, filho bonito tem mais paternidades do que precisa. Os livros de Charles Kiefer sempre foram sua melhor apresentação. Nascia um escritor, e os méritos daqueles que o ajudaram (não fui o único) nos primeiros passos, também nossos primeiros tropeços, têm sido sempre reconhecidos pelo próprio autor. Registro que aquela antiga generosidade tornou-se ainda mais bonita entre os novos, 30 anos

depois, agora agraciados com recursos tecnológicos, inimagináveis para aqueles anos, dos quais a internet é referência solar nas navegações havidas. Agora todos são pilotos, todos têm seus próprios portulanos. Naqueles anos e naqueles mares, todos navegávamos às cegas e às vezes presos às correntes das diversas ditaduras que nos afligiam nos cais de onde partíamos. A tendência de quem chega ao Outono da existência é lamentar Verões e Primaveras passados, esquecendo que houve duros Invernos dos quais jamais sentiremos saudade alguma, mas sofrimento é para sair na urina: o que não sai na grossa que saía na fina. Celebro neste Outono a conquista da liberdade, que hoje permite aos jovens escrever o que quiserem, onde quiserem. Que floresçam, pois, como um dia florescemos nós. E que madureçam sempre generosos, como é próprio da Juventude, conquistando outros saberes e novos sabores na prosa, na poesia, no ensaio, na biografia, em todos os gêneros.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[1](#)

[Comentário preliminar](#)

[2](#)

[Coordenadas geográficas](#)

[3](#)

[A infância](#)

[4](#)

[Muçum papo-amarelo](#)

[5](#)

[Os pessegueiros florescem na primavera](#)

[6](#)

[A cobra-verde](#)

[7](#)

[Os insondáveis mistérios do mundo](#)

[8](#)

[Uma frase histórica](#)

[9](#)

[O primo Basílio](#)

[10](#)

[Um pouco de loucura](#)

[11](#)

Pelas estradas do Brasil

12

Rosana que Porto Alegre comeu

13

O colégio João XXIII

14

O blusão de listras

15

O jornalzinho

JORNAL ESPLOÇÃO ESTUDANTIL

16

No deserto não nascem flores

17

Primeiros encontros

18

Tentativa frustrada

19

Besos, lecho y pan

20

Saudade

21

Vinho branco

22

Caminhando na chuva